

Pablo G. Gayoso Mirrajiz

**LUMPEMPROLETARIADO:  
Conceito e Perspectiva**

Trabalho de Conclusão de  
Curso submetido ao Programa  
de Graduação da Universidade  
Federal de Santa Catarina para  
a obtenção do Grau de  
Bacharel em Ciências Sociais.  
Orientador: Prof. Dr. Raúl  
Burgos

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mirrajiz, Pablo G. Gayoso  
LUMPEMPROLETARIADO : Conceito e Perspectiva /  
Pablo G. Gayoso Mirrajiz ; orientador, Raúl Burgos  
, 2018.  
90 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Lumpemproletariado. 3.  
Marxismo. 4. Anarquismo. 5. Conceito. I. , Raúl  
Burgos. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Pablo G. Gayoso Mirrajiz

## **LUMPEMPROLETARIADO: Conceito e Perspectiva**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação.

Florianópolis, 05 de dezembro de 2018.

---

Prof. Tiago Daher Padovezi Borges  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Raúl Burgos  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Itamar Aguiar  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Gustavo da Cunha de Souza  
Universidade Federal de Santa Catarina (Videoconferência)

---

Prof. Carlos André dos Santos  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é resultado de um enorme esforço de uma luta de mais de uma década, de duras batalhas, vitórias e derrotas, de abandono e retorno, de inimizades e amizades, de convergências e divergências, de enfrentamento e recuo, de simpatia com o curso e desânimo, de encontros e reencontros, uma infinidade de situações, sorrisos e choros. Agradeço profundamente às pessoas que estiveram ao meu lado, àquelas que me inspiraram, que não me fizeram desistir, pelas condições brutas de quem tem que estar na lida todos os dias neste sistema. Assim, apresento minha sincera gratidão aos membros da banca, a meu orientador Raúl Burgos, Prof. Gustavo, Prof. Itamar, meu compa Carlos André, bem como as traduções dos termos em alemão, gentilmente feitos por Juliane L. Sturm. Pessoas que muito colaboraram, companheiros de militância que faço questão de agradecer por todos os momentos para a realização deste trabalho, como Alexandre Samis, Felipe Corrêa, Edzar Allen e Emilio Crisi, e outros em que aqui falta espaço. Gracias. Este estudo também é fruto, principalmente, dos anos de militância que me fizeram superar barreiras e encontrar um sentido material, e por isso... Arriba lxs que luchan!!

## RESUMO

O presente trabalho traz uma revisão bibliográfica identificando duas perspectivas metodológicas para analisar criticamente o conceito de *lumpemproletariado* através do contextualismo histórico-linguístico e etimológico. Realiza uma apresentação dos debates fundamentais das correntes que convergem e divergem sobre as linhas centrais de discussão do conceito de *lumpemproletariado*, sendo o marxismo através de seus principais expoentes e o anarquismo. Além disso, os elementos constituintes que são apresentados neste estudo conceitual, servem como referência para analisar o conceito sob uma perspectiva sociológica contemporânea, bem como de autores decoloniais, permitindo compreender o conceito de *lumpemproletariado* em relação aos debates sobre capacidade política de organização, sujeito histórico universal, criminalidade e moralidade.

**Palavras-chave:** Lumpemproletariado. Marxismo. Anarquismo.

## **ABSTRACT**

The present work presents a literature review identifying two methodological perspectives to analyze critically the concept of lumpenproletariat through historical-linguistic contextualism and etymological. It gives a presentation of the fundamental debates of the currents that converge and diverge on the central lines of discussion of the concept of lumpenproletariat, being the marxism through its main exponents and the anarchism. In addition, the constituent elements presented in this conceptual study serve as a reference to analyze the concept from a contemporary sociological perspective, as well as from decolonial authors, allowing to understand the concept of lumpenproletariat in relation to the debates about political capacity of organization, universal historical subject, criminality and morality.

**Keywords: Lumpenproletariat. Marxism. Anarchism**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACD - Análise Crítica do Discurso

AIT - Associação Internacional dos Trabalhadores

BS - Bíblia Sagrada

BU-UFSC - Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

IT - Instituto Treccani

MIA - The Marxists Internet Archive

TGSE - The Great Soviet Encyclopedia

USP - Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho ao meu pai e minha mãe  
por seu apoio incondicional.  
A toda minha família, no Uruguay e meus sogros.  
Em especial à minha esposa Larissa Mazzoli  
pelo contínuo estímulo a findar esta fase.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO</b> .....	<b>5</b>
1.1 UMA TEORIA DOS CONCEITOS.....	5
1.2 TERMINOLOGIAS E SIGNIFICADOS EM DICIONÁRIOS E LÉXICOS .....	7
1.3 TRAJETÓRIA ETIMOLÓGICA E HISTÓRICA DO CONCEITO DE <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> .....	8
<b>2. CONCEITO DE <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> NA PERSPECTIVA MARXISTA</b> .....	<b>13</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	13
2.2 LUMPEMPROLETARIADO EM <i>A IDEOLOGIA ALEMÃ</i> (1845-46).....	16
2.3 LUMPEMPROLETARIADO EM <i>O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA</i> (1848).....	22
2.4 LUMPEMPROLETARIADO EM <i>AS LUTAS DE CLASSES NA FRANÇA DE 1848 A 1850</i> (1850) .....	23
2.5 LUMPEMPROLETARIADO EM <i>O DEZOITO DE BRUMÁRIO</i> (1852).....	26
2.6 LUMPEMPROLETARIADO EM <i>O CAPITAL</i> (1867-1869).....	29
2.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> POR OUTROS MARXISTAS .....	32
<b>3. CONCEITO DE <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> NA PERSPECTIVA ANARQUISTA</b> .....	<b>37</b>
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ANARQUISMO .....	37
3.2 O LUMPEMPROLETARIADO E A PERSPECTIVA <i>PERIFÉRICA</i> .....	39
3.3 O LUMPEMPROLETARIADO E O CONCEITO DE <i>POVO</i> .....	45
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> POR OUTROS ANARQUISTAS .....	49
3.5 AS RELAÇÕES ENTRE O LUMPEMPROLETARIADO E O LUMPESINATO.....	52
<b>4. CONCEITO DE <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> NA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA E CRIMINOLOGIA CRÍTICA</b> .....	<b>57</b>

4.1 CONTEXTO E CATEGORIAS SOCIOLOGICAS DO <i>LUMPEMPROLETARIADO</i> .....	57
4.2 CRIMINALIZAÇÃO MORAL DO LUMPEMPROLETARIADO.....	61
4.3 O LUMPEMPROLETARIADO COMO <i>NOVO SUJEITO POLÍTICO</i> .....	71
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	<b>77</b>
<b>6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	<b>79</b>

*O homem que se revolta contra a sociedade, seja ele um vagabundo, idiota, psicótico, rufião ou pequeno ladrão, está equacionado com o que pareceria nossa liberdade se nós ousássemos arriscar nosso braço.*

William Blake

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende recuperar as discussões existentes no campo da sociologia política, referentes ao conceito de *lumpemproletariado*. Tendo em vista que este vem sendo apresentado sob diferentes perspectivas, teórica e ideológicas, ao longo da história. Sendo poucos os trabalhos e pesquisas referentes ao tema na literatura sociológica.

As diferentes visões acerca do conceito podem ser divididas em três perspectivas:

1) a *perspectiva marxista*: que traz o conceito de *lumpemproletariado* juntamente com a questão do *sujeito histórico político* e da *centralidade do trabalho*;

2) a *perspectiva anarquista*: cujo recorte epistemológico destaca a relação de *centro-periferia*, e com isso, é adjacente às definições de *lumpemproletariado* levantadas *a posteriori* pelo decolonialismo;

3) a *abordagem sociológica*: que levanta questões que podemos aferir sobre o conceito, aproximando-o às discussões dentro do âmbito das Ciências Sociais, nas suas múltiplas significações e complexidades inerentes.

A motivação desta pesquisa se deu através de inquietações políticas e intelectuais vividas pelo autor, tanto em ambientes de militância política, quanto em espaços acadêmicos. Eram frequentes os debates nas esferas de formação política de organizações e experiências práticas no cotidiano de determinados movimentos sociais, ligados à figura aproximada do que se costuma classificar como *lumpemproletariado*, somado ao percurso das atividades acadêmicas. Os principais debates gerados são relacionados a conotação dada por Karl Marx e Friedrich Engels, preservada por alguns, recapitulada e ressignificada por outros marxistas, sobre a natureza sociológica do *lumpemproletariado*, bem como da sua capacidade ou incapacidade política revolucionária.

A partir do conjunto de diferentes ideias e concepções, que perpassam as definições teóricas, epistemológicas e ideológicas, acerca do conceito, surgem alguns questionamentos que irão orientar a compreensão no campo da sociologia política. São eles:

a) O que caracteriza sociologicamente o *lumpemproletariado*, sua origem e trajetória histórica? Quando e em qual contexto histórico-intelectual surge o termo?

b) A significação atribuída ao termo *lumpemproletariado* manteve-se estável, do seu repertório coloquial até a conceituação específica formulada por Marx e Engels. Mas em que medida esta nova composição marxista significou algo de diferente do aspecto coloquial, cujos componentes compartilhados poderiam apresentar diferenças elementares que permitissem diagnosticá-los como conceitos distintos?

c) Existem, na totalidade das descrições de *lumpemproletariado* feitas por Marx e Engels, classificações semelhantes ou dessemelhantes? Se sim, quais são as outras perspectivas teóricas que podem contrapor sobre esta categoria social à qual os autores denominaram como *lumpemproletariado*?

d) E por último, de que modo o conceito de *lumpemproletariado*, em suas distintas possibilidades de perspectiva aqui discutidas, é apreendido pela percepção sociológica? Estariam elas presentes na história do pensamento social? Na definição da história da teoria política, poderia-se examinar atentamente o questionamento epistemológico acerca da relação da universalidade do conceito com o objeto em si, reconhecendo a multiplicidade de sentidos (polissemia) para uma história dos conceitos?

Diante dos problemas levantados, como hipótese para este estudo, duas perspectivas foram enumeradas, sendo elas: a perspectiva marxista, a perspectiva anarquista e por último, uma abordagem sociológica. Estas hipóteses surgem no questionamento se as afirmativas podem responder às indagações anteriores, de como o conceito de *lumpemproletariado*, seja ele caracterizado como *grupo social* ou *conceito moral*, poderia atribuir elementos que caracterizam uma categoria sociológica de análise. Outra hipótese indica que, de acordo com as diferentes conceituações realizadas pela perspectiva marxista, principalmente por Marx, é que há aproximações e distanciamentos teóricos, mesmo entre os marxistas. Por estas razões, não se trata de um levantamento de diferentes concepções, mas de uma análise crítica das abordagens teóricas.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar criticamente o conceito do *lumpemproletariado*, através de diferentes lentes teóricas, buscando desde a sua origem histórica, significado e conjuntos de definições que possam ajudar a discriminar melhor o objeto e trazê-lo para o presente.

A partir deste ensejo, verificou-se importante realizar este debate conceitual abordando sua trajetória linguística, etimológica, e principalmente, da sua relevância nos diversos campos de estudo, como na própria sociologia e na teoria política. Neste sentido, a metodologia utilizada foi desenvolvida segundo a *fundamentação histórica dos conceitos* e do *contextualismo linguístico*, que são singularmente importantes, de acordo com os enfoques de Reinhart Koselleck e Quentin Skinner.

Para cumprir com as demais indagações foram realizadas revisões bibliográficas, a partir das teorias existentes sobre o assunto, através do levantamento de dados, via consulta a artigos científicos, livros, teses, dissertações, cartas e manifestos, tanto de autores clássicos da sociologia política, bem como das demais contribuições acadêmicas e não acadêmicas referentes ao conceito. Foram empregados autores do campo acadêmico, selecionados a partir de livros, documentos, gramáticas, entre acervos do próprio autor e, em alguns casos, da internet e da Biblioteca Universitária (BU-UFSC). Para obras em línguas estrangeiras, como alemão, inglês e espanhol, trabalhou-se traduções ora feitas pelo próprio autor, ora por pessoas que falam com fluência a língua específica, bem como por dicionários de tradução.

O empreendimento da pesquisa sobre o conceito de *lumpemproletariado* recorre principalmente no enfoque crítico dado aos pressupostos conceituais das obras de Karl Marx, Friedrich Engels, Mikhail Bakunin, Rudolf De Jong, entre outros.

No primeiro capítulo, o leitor encontrará, sucintamente, uma definição da teoria dos conceitos, abordada através do método de *análise historiográfico* e do *contextualismo linguístico*, de Koselleck e Skinner, respectivamente. A discussão realizada detém-se acerca dos vários elementos etimológicos, a partir de suas raízes germânicas que dão forma ao conceito, resgatando uma genealogia histórica do mesmo.

No segundo capítulo, veremos como o termo de *lumpemproletariado* foi consolidado enquanto *conceito* a partir da segunda metade do século XIX. Será abordada a trajetória do conceito de *lumpen* e da composição de *lumpemproletariado*, desde seu sentido coloquial e gramatical até o uso no sentido político do termo. Foram identificadas e contextualizadas todas as referências feitas do conceito de *lumpemproletariado* nas primeiras definições e abordagens de Marx e Engels, bem como de alguns autores marxistas que seguiram a mesma linha conceitual.

No terceiro capítulo, apresentamos um enfoque inverso ao anterior, dado pela perspectiva de Bakunin, que a converte para uma

identidade de afirmação, em relação à perspectiva marxista. Da mesma forma como na primeira perspectiva, procuramos identificar outros autores que subscreveram opiniões e teorias similares, não necessariamente anarquistas.

No quarto capítulo, trataremos de analisar em que medida estes múltiplos elementos podem ser encontrados e trabalhados dentro de uma abordagem sociológica, esta importante discussão sobre todo o universo a qual se refere o conceito de *lumpemproletariado*.

E, por último, uma breve conclusão das teorias apresentadas, perfazendo um levantamento de algumas concepções teóricas desta revisão bibliográfica, bem como dos processos históricos em que o conceito de *lumpemproletariado* esteve envolvido.

# 1. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE LUMPENPROLETARIADO

## 1.1 UMA TEORIA DOS CONCEITOS

Desde o primeiro impulso humano de significar objetos e coisas por meio do pensamento e do processo natural cognitivo, os conceitos passaram a integrar a sua inventividade lógica e simbólica. Emergido desde a Antiguidade Clássica, a ideia de *conceito* moveu-se até a contemporaneidade, abrangendo diversas correntes filosóficas e epistêmicas.

Ao tentar encontrar uma possível definição de *conceito*, o conceito de *conceito*, buscamos seu significado primeiramente em dicionários léxicos, enciclopédias de filosofia e em segundo lugar, o seu significado na sociologia.

Segundo a *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*, os autores definem *conceito* como o que pode ser referido apenas por um *predicado* (BRANQUINHO, GOMES, 2005, p. 155). O *Dicionário de Filosofia* de Walter Brugger define *conceito* como o meio mais prático que o pensamento cria para expressar mentalmente uma abstração. Ou, o *conceito* como *expressão, palavra* ou *termo*, mas que ainda não constitui um enunciado, sendo ele uma representação abstrata, porém não podendo ser o objeto em si (BRUGGER, 1987, p. 57). Do mesmo modo, Nicola Abbagnano em seu *Dicionário de Filosofia* caracteriza *conceito* como o “processo que torna possível a descrição, classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis” (ABBAGNANO, 2000, p. 175).

No *Dicionário de Ciências Sociais* (FGV, 1986, p. 93) a definição literal de *conceito*, como uso geral, aproxima-se do significado de *ideia* ou *noção*. De acordo com o sociólogo Ely Chinoy, no livro *Sociedade: uma Introdução à Sociologia*, é preciso, antes de investigar a ideia de *conceito sociológico*, definir distintamente a própria natureza dos conceitos. Para Chinoy, um conceito é “um termo geral, que se refere a todos os membros de determinada classe de objetos, acontecimentos, pessoas, relações, processos, ideias” (CHINOY, 1993, p. 35).

De acordo com o historiador alemão Reinhart Koselleck, o pesquisador deve explorar os conceitos através da sua história, sob a forma de historiografia (*Begriffsgeschichte*), na tentativa de conduzir-se às suas diversas trajetórias durante a sua construção (KOSELLECK, 1992, p. 135). O autor afirma que para que um conceito passe a

significar algo, é necessário muito mais do que a simples multiplicidade de simbolismos (JASMIN, JUNIOR *apud* KOSELLECK, 2006, p. 109).

Sob o ponto de vista da estruturação, podemos dizer que os conceitos se alteram e se transfiguram ao longo do tempo, e que se, isolados de seus elementos, tornam-se insignificantes e incoerentes<sup>1</sup> (DELEUZE, GUATTARI, 2004, p. 30).

A fim de não entrar em uma espécie de anacronismo e mitificação sobre o conceito de *lumpemproletariado*, buscamos trabalhar na recuperação do *contextualismo linguístico* do historiador britânico Quentin Skinner, na atribuição das tradições históricas das ideias políticas e nos recursos teóricos discursivos, juntamente com a contribuição do linguista e também britânico, Norman Fairclough. A crítica de Skinner, por exemplo, é bastante válida para demarcar àquelas tradições que atribuem autores e obras, ideias e teorias que nunca tiveram ou jamais seriam capazes de tê-las, dadas as contextualizações de época.<sup>2</sup> Para Skinner (1999), o anacronismo das ideias filosóficas seria uma anátema, e no campo da teoria política, tal anacronismo é um erro fatal.

Da mesma forma, Norman Fairclough, ao estudar a análise crítica do discurso (ACD), observa de que forma as relações de poder influenciam teorias, práticas sociais, processos de significações, entre outros. Para Fairclough é importante que se observe o lugar da linguagem nas relações sociais e como os conceitos são usados<sup>3</sup> (FLAIRCLOUGH, 2001, p. 66). Ambos pesquisadores exerceram uma

---

<sup>1</sup> Para o filósofo brasileiro Silvio Gallo, “todo conceito é criado a partir de problemas”, ou ainda: “um conceito nunca é criado do nada, todo conceito tem uma história. (...) Cada conceito retoma e remete a outros conceitos, numa encruzilhada de problemas. Cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir ou suas conexões presentes. Todo conceito é uma heterogênesse (...) Talvez, a melhor definição de conceito, na visão de Deleuze e Guattari, seja a de que o conceito é um dispositivo (...) uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas (...) que faz pensar, que permite, de novo, pensar. (...) Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos” (GALLO, 1997, p. 28).

<sup>2</sup> O ensaio metodológico *Significado e compreensão na história das ideias* de Skinner em 1969, publicado na revista *History and Theory*, o autor critica o anacronismo existente nas várias tradições do pensamento político.

<sup>3</sup> O trabalho de Fairclough foi amplamente estudado e reconhecido pela sua importante reflexão sobre a linguística na teoria social do discurso, em *Discurso e Mudança Social*, (1992).



enorme influência nas Ciências Sociais no que diz respeito ao conceito de *discurso*, importante para a construção de uma teoria social do discurso.

Para não entrar totalmente no campo do conceitualismo e dos estudos conceitológicos, por estes situarem-se entre os assuntos ainda controversos, empregaremos a análise de conceito aproximado no domínio da sociologia. Embora a sociologia e a filosofia reúnam um conjunto de significados e definições sobre a natureza e uso dos conceitos, nosso estudo em particular será desenvolvido simultaneamente com o objeto definido para analisar os significados literais encontrados nas literaturas enciclopédicas.

## 1.2 TERMINOLOGIAS E SIGNIFICADOS EM DICIONÁRIOS E LÉXICOS

Nesta parte iremos rastrear as origens etimológicas do conceito de *lumpemproletariado* do modo como aparece de forma escrita na literatura, a partir dos seus primórdios coloquiais, bem como de sua gênese morfológica. De antemão, ressaltamos que o conceito de *lumpemproletariado* não nasce no âmbito acadêmico, mas da evolução coloquial de determinadas palavras. Por esta razão, nos debruçaremos neste capítulo para tratar da origem: de onde vem, como se compreende e consolida a trajetória linguística do conceito de *lumpemproletariado*.

Primeiramente, pesquisando o verbete em dicionários e léxicos relevantes da língua portuguesa, constatamos que recebe a seguinte descrição genérica: “*lumpemproletariado* - parte do *proletariado* que vive na miséria extrema e não tem consciência de classe; *lumpen* - farrapo” (CASTELEIRO, 2001, p. 2308). Do mesmo modo, em outro léxico, o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, o *lumpemproletariado* seria o “grupo social constituído de operários e trabalhadores *marginais*, sem profissão regular e *destituídos* de *consciência política*” (BORBA, 2002, p. 974).

E ainda *lumpesinato*,

qualquer grupo de profissionais medíocres, camada social *carente de consciência política* que vive na miséria extrema e por indivíduos direta ou indiretamente *desvinculados da produção social* e que se dedicam a atividades marginais como, por exemplo, o *roubo* e a *prostituição* (BORBA, 2002, p. 974).

O *lumpemproletariado*, de acordo com o *Dicionário Alemão-Português*, organizado pelo renomado professor enciclopedista Leonardo Tochtrop possui o seguinte sentido:

*lump* - tratante, trapaceiro, crápula, miserável, cafajeste, *canalha*; *lum'pen er lumpt herum* - vive como *vagabundo*; *lum'pen* - farrapo, trapo, andrajo; *lum'penbande: lum'pengesindel: lum'penpack: lum'penvolk* - *canalha*, *gentalha*, *ralé*, *escória*; *lum'pengeld* - vil; *lum'pensammler* - trapeiro; *lumperei'* - *bandalheira*; *lum'pig* - miserável, andrajoso (TROCHTOP, 1989, p. 342).

Em segundo lugar, no dicionário de alemão-inglês, o *Cassell's German-English Dictionary Wörterbuch*, o verbete se encontra na seguinte forma:

*lump* - *rascal, scoundrel, rat* [patife, sem-vergonha, rato]; *lumpazius, lumpazivagabundus - vagabond, tramp, scoundrel* [vagabundo, canalha, sem-vergonha]; *lumpen* - *rag, tatter, clout, ragged clothes, rags and tatter, trash* [pano, farrapo, remendo, roupas esfarrapadas, trapos e farrapos, lixo]; *lumpengeld* - *paltry sum, dirty-cheap* [soma miserável, reles, vil, desprezível, sujo, barato]; *lumpengesindel - riff-raff, rabble, rag-tag* [ralé, gentalha, populacho]; *lumpenhändler - rag-and-bone man* [homem de trapo e osso]; *lumpenzeug - trash, stuff* [lixo, pano]; *lumperei - rascality, shabby trash, meanness* [malandragem, lixo gasto, mesquinhez]<sup>4</sup> (BETTERIDGE, 1978, p. 401).

### 1.3 TRAJETÓRIA ETIMOLÓGICA E HISTÓRICA DO CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO

Historicamente, o vocábulo *lumpen* vem sendo utilizado desde muito tempo, tendo sua origem na Alemanha. Ao perceber alguns pontos que precisavam ser previamente elucidados, buscando a definição enciclopédica de *lumpemproletariado*, revelou-se que esta

---

<sup>4</sup> Traduções do autor.

palavra possui um *prefixo* ou *morfema* determinante que ajuda a formar uma variedade de palavras, tendo o *lumpen* como seu radical central.

No entanto, analisando nos léxicos e dicionários gramaticais existentes, percebemos que na língua alemã, especificamente, muitas palavras são formadas por estes prefixos básicos, e neste caso, o *lumpen* (*lumpen+proletariado*) é uma delas.

De acordo com o dicionário alemão *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, o termo *lumpen* teria aparecido no período do chamado *alto-médio alemão*, ancestral da língua germânica moderna, datado no intervalo entre 1050 e 1500 (KLUGE, 2001, p. 584). Na compilação mais atual feita por Elmar Seebold, no texto de Friedrich Kluge, contida no *Wortschatz -Lexikon*, o verbete *lumpen* designaria: *altes* (velho), *verschlissenes* (usado), *verschmutztes* (poluído), *Stück Stoff* (pedaço de pano), *schäbiges Kleidungsstück* (vestuário gasto)” (WORTSCHATZ, 2016).

Verificando seus significados, podemos perceber que originalmente, o prefixo *lumpen* não designava *pessoas*, mas *coisas*, mesmo que de forma menosprezável e desdenhável. Na língua portuguesa não encontramos o termo *lumpen*, como prefixo, existindo na sua gramática, tal como no alemão, francês e polonês, indicando que o vocábulo pertence a poucos idiomas. Em algum momento da história, porém, o significado atribuído ao termo *lumpen*, como representação idiomática que referia-se a coisas, passou a aplicar-se para designar “certo grupo de pessoas desprezíveis”<sup>5</sup>, realizando um deslocamento significativo (WORTSCHATZ, 2016). Desta forma, o termo passou a ser utilizado como prefixo para aglutinação (reunião de dois ou mais vocábulos ou palavra composta) nas formas como vimos anteriormente.

De acordo com o *Wörterbuch*, estas junções como o *Lumpenhändler* (“homem de pano e de ossos”), *Lumpensammler zerlumpt* (“trapeiro esfarrapado”), *Lumpengesindel das abschaum* (“ralé de trapos e escória”), *Lumpig* (“esfarrapado”) e *Lumpenproletariat* (“proletariado *lumpen*”) em sentido geral, era aplicado “coloquialmente para àquelas pessoas que são desprezadas por outras” (WÖRTERBUCH, 2016).

---

<sup>5</sup> Como forma de verificar expressões e usos populares, consta o original no *Wortschatz -Lexikon*: “*Lumpen: Verwendet, um auszudrücken, dass man eine bestimmte Gruppe von Menschen sehr verachtet*”. Tradução: “*Lumpen: costumava expressar o desprezo a um grupo de pessoas*”. Tradução do original por Juliane Loeben Sturm

Para compreender melhor esta formação de prefixos na língua alemã, o processo dessas unidades poliléxicas é chamado, segundo o linguista brasileiro Herbert Andreas Welker, de *Zusammensetzung* ou “aglutinação de vários elementos mórficos em uma única palavra” que resulta num composto chamado de *komposita*<sup>6</sup> (WELKER, 2001, p. 47). Nossa investigação questiona por que o *komposita* de *lumpemproletariado* foi selecionado de todo esse conjunto, vindo a desempenhar historicamente um papel particular.

Para isto, é necessário entender a trajetória do conceito de seu sufixo, no caso, o *proletário*. Em uma pesquisa imediata, de acordo com os conhecidos dicionários da língua portuguesa, o verbete para *proletário*, designa, segundo o *Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*:

do latim *proletariŭs*, na Roma antiga, cidadão da classe social mais pobre, isento de impostos, cuja única utilidade para o Estado era gerar filhos para engrossar as fileiras dos exércitos. Pessoa cuja sobrevivência depende de remuneração que provém de sua força de trabalho (MICHAELIS, 2017).

Outros dois dicionários, utilizam o mesmo verbete, o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* e *Dicionário Aurélio*:

que só conta pela sua prole, cidadão pobre; pessoa, geralmente pertencente às classes sociais mais baixas, que vive apenas do rendimento do seu trabalho manual ou mecânico (PRIBERAM, 2013; AURELIO, 2017).

De acordo com o Istituto Treccani, *Enciclopedia Italiana On Line* (IT), o termo *proletário* era utilizado em Roma para designar os trabalhadores que careciam de propriedades e meios de produção, sendo o *lumpemproletariado* ou *subproletariado*, àquela população situada socialmente abaixo ou à margem do proletariado, constituindo o último estrato social. O verbete segue:

---

<sup>6</sup> Para Welker, os *komposita*, em português, podem ser traduzidos por possuírem relações semânticas múltiplas através das bases e dos determinantes.

Desaparecido na Idade Média, o termo reapareceu no século 16 na Inglaterra, para designar a quarta e última classe, o estrato inferior da sociedade. Traduzido em língua vulgar, teve certa circulação no século 18, utilizado, por um lado em referência à história romana, por outro lado, com *conotação depreciativa*, que assimilou os proletários aos plebeus, aos *marginalizados* sem arte nem parte. Com a Revolução Francesa, o termo adquire um novo significado: o *proletário* é aquele pertencente a uma classe de trabalhadores desesperados, mas virtuosos, excluídos dos direitos, que devem ser reconhecidos e aos quais deve ser dado um 'estado'. Este significado 'positivo' continua, no entanto, lado a lado com aquele 'negativo', de modo que a mesma palavra já está contida, em germe, a distinção posterior entre *proletário* e *subproletário* [*Lumpem-proletário*], seguramente<sup>7</sup> (IT, 2017).

Por sua vez, a definição que poderíamos chamá-la de “clássica”, pertencente ao campo das correntes socialistas, que descreve *proletário* como a classe de trabalhadores *assalariados modernos*, que privados dos meios de produção, são obrigados a vender a sua força de trabalho para continuar vivendo (SEOANE, 2001, p. 36). O conceito de *proletariado* surge, como na definição de Engels, “pela *classe dos trabalhadores assalariados modernos*”<sup>8</sup>, ou seja, aqueles que estão

---

<sup>7</sup> Traduzido do italiano original pelo professor-orientador Raúl Burgos: “*Scomparso in età medievale, il termine ricomparve nel 16° sec. in Inghilterra per designare la quarta e ultima classe, lo strato inferiore della società. Tradotto in volgare, ebbe una certa circolazione nel 18° sec., utilizzato per un verso in riferimento alla storia romana, per l'altro con un'accezione spregiativa, che assimilava i proletari ai plebei, agli emarginati senza arte né parte. Con la Rivoluzione francese il termine acquisisce un nuovo significato: il proletario è l'appartenente a una classe di lavoratori disperati ma virtuosi, esclusi dai diritti, cui occorre riconoscere e dare uno 'stato'. Questo significato 'positivo' continua però ad affiancarsi a quello 'negativo', tanto che nella stessa parola si trova già contenuta in nuce la successiva distinzione tra proletario e sottoproletario.*”

<sup>8</sup> Em nota acrescentada por Engels à edição inglesa de 1888 do *Manifesto*, para definir a palavra “proletariado”, descreve assim: “Por proletariado, a classe dos trabalhadores *assalariados modernos*, que, não tendo meios de produção

inseridos dentro da definição de classe explorada, mas também de trabalhador assalariado que foi utilizada por Marx e Engels, como veremos no capítulo seguinte.

---

próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver” (MARX, ENGELS, 1998, p. 66).

## 2. CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO NA PERSPECTIVA MARXISTA

*Quando se cruzam vários países da Europa fica-se impressionado por um panorama muito extraordinário e aparentemente inexplicável. Os países que parecem mais pauperizados são os que, na realidade, têm menos indigentes, e nas sociedades mais admiradas pela sua opulência, uma parte da população vê-se obrigada a depender de doações dos demais para viver.*

Ensaio sobre o pauperismo moderno, *Memoir on Pauperism* (1833)  
Alexis de Tocqueville

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Como vimos, o termo era empregado desde o século XI na Alemanha que se encontrava na era feudal, mais precisamente no início da Baixa Idade Média. O termo *lumpen* continuou sendo usado para designar determinados grupos sociais marginalizados, visto que nesse período, começavam a surgir as primeiras populações urbanas. Porém, o início do século XVIII, com o advento do processo de industrialização, marcou definitivamente a definição do modo de produção capitalista em toda a Europa.

Foi nesse período, final da Idade Moderna, que o termo (*komposita*) *lumpemproletariado* surgiu. Mais precisamente na década de 1820, na Alemanha, que o prefixo *lumpen* já se encontra anexado a algumas palavras compostas, descritas anteriormente pelos dicionários enciclopédicos alemães: *lumpengesindel*, *lumpenhändler*, *lumpensammler zerlumpt*, *lumpengesindel das abschaum*, *lumpig*, etc.

O jornalista e político bonapartista Adolphe Granier de Cassagnac (1806-1880), em 1830, escreve tentando definir o conceito de *proletariado* que constituiria “o nível mais baixo, o estrato mais profundo da sociedade”, sendo formado por:

trabalhadores, os *mendigos*, os *ladrões* e as *mulheres públicas* (...) O trabalhador é um proletário, porque ele trabalha para viver e ganhar um salário; o *mendigo* é um proletário *que não quer* ou *não pode trabalhar* e pede esmolas para viver; o *ladrão* é um proletário que *não quer trabalhar* ou mendigar e, para ganhar a vida, rouba; a *prostituta* é uma proletária, que *não quer trabalhar*, nem mendigar, nem roubar e, para

viver, vende seu corpo (CASSAGNAC *apud* LINDEN , 2013, p. 58).

Aqui percebemos, nesta passagem de Cassagnac, à qual ele tenta definir um conceito para *proletário*, incluir os grupos sociais à margem, mas não totalmente excluídos do proletariado, como o *mendigo*, o *ladrão*, e a *prostituta*, definidos como *aqueles que querem trabalhar e aqueles que não querem trabalhar* ou *não podem*.

A partir destas primeiras tentativas de definir certos grupos sociais, principalmente recolhidas das teorias socialistas sobre o conceito de trabalho (Cap. 4.2, socialistas utópicos) é que encontraremos a sua maior dimensionalidade, com as obras de Marx.

Karl Marx (1818-1883) foi um grande filósofo, economista político e socialista revolucionário alemão, a qual construiu o seu pensamento ao longo de mais de 40 anos, muito em colaboração com o seu contemporâneo e amigo Friedrich Engels. Marx é considerado como um dos principais arquitetos do que viria a ser a sociologia, tamanha importância teórica.

Antes de definir um conceito para *lumpemproletariado*, Marx realiza em sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843-1844), uma exposição brévia sobre o conceito de *proletariado* enquanto *classe*, sendo

um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua *caráter universal* porque os seus sofrimentos são universais e que não exige uma reparação particular porque o mal que lhe é feito não é um mal particular, mas sim o mal em geral (MARX, 2000b, p. 10).

Desta forma, buscamos uma definição mais concreta, dentro da literatura enciclopédica marxista, para o conceito de *lumpemproletariado*. Segundo o *Dicionário do Pensamento Marxista* de Thomas Bottomore<sup>9</sup>, no verbete, lemos assim:

---

<sup>9</sup> Thomas B. Bottomore (1920-1992), sociólogo marxista inglês e membro do *British Labour Party* (Partido Trabalhista Inglês), no Brasil é reconhecido pela sua importante obra que tratam dos conceitos e categorias do pensamento marxista.



*lumpemproletariado* - em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852), Marx refere-se ao *lumpemproletariado*, termo que traduz o alemão *lumpenproletariat*, como “o lixo de todas as classes”, “uma massa desintegrada”, que reunia “indivíduos arruinados e aventureiros egressos da burguesia, vagabundos, soldados desmobilizados, malfeitores recém-saídos da cadeia (...) batedores de carteira, rufiões, mendigos”, etc., nos quais Luís Bonaparte apoiou-se em sua luta pelo poder (BOTTOMORE, 2013, p. 354).

Já na tradução do verbete do *Glossário de Termos, Enciclopédia do Marxismo*, pertencente ao *The Marxists Internet Archive*<sup>10</sup> (MIA), o termo *lumpemproletariado* designa:

(...) *mendigos, prostitutas, gangsters, ladrões, vigaristas, criminosos mesquinhos, vagabundos* ou *desempregados, desempregadas*, pessoas que tenham sido *demitidos* da indústria, e todo tipo de *desclassificados, degradados* ou elementos *degenerados*. Em tempos de crise prolongada (depressão), os jovens formam as massas inumeráveis não podem encontrar oportunidades de entrar no organismo social como produtores, são empurrados para este *limbo das párias*<sup>11</sup> (MIA, 2008).

O termo *lumpenproletariat* teria sido cunhado por Marx e Engels (MIA, 2017) em *A Ideologia Alemã*, e a partir dessa obra, podemos traçar cronologicamente todas as acepções, sentidos e alcances que Marx, por vezes em conjunto com Engels, utiliza e define o termo.

---

<sup>10</sup> Biblioteca virtual multilíngue, colaborativa e não comercial por recompilar textos de autores clássicos do marxismo, com um acervo de referência de fontes online de publicações do pensamento marxista.

<sup>11</sup> Tradução do autor da *Marxists Internet Archive* no *Glossário de Termos, Enciclopédia do Marxismo: Lumpenproletariat*.” Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/terms/l/u.htm#lumpenproletariat>>. Acessado em dezembro de 2016

## 2.2 LUMPEMPROLETARIADO EM A *IDEOLOGIA ALEMÃ* (1845-46)

É na segunda metade do século XIX, entre 1845 e 1846, que Karl Marx em conjunto com Friedrich Engels, escreve em Bruxelas *A Ideologia Alemã*<sup>12</sup>, sendo que seu título original possui o acréscimo complementar de *Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Os autores empregam-no, pela primeira vez em suas obras, como palavra composta (*Zusammensetzung*) ao abordar a situação da Itália dos “plebeus” e “escravos” na análise histórica do período da Queda do Império Romano:

A conquista, como fato, parece estar em contradição com toda esta concepção da história. Até hoje, tem-se feito da violência, da guerra, da pilhagem, do banditismo, etc... a força motriz da história (...) Na Itália, pelo contrário, assiste-se à concentração da propriedade fundiária realizada por herança, por compra e ainda por endividamento (...) Devido a estas circunstâncias, a população livre desapareceu totalmente e os próprios escravos ameaçavam abandonar a sua situação, tendo de ser constantemente substituídos. A escravatura continuava a ser a base de toda a produção. Os *plebeus*, colocados entre os homens livres e os escravos, nunca conseguiram ultrapassar a condição de *Lumpenproletariat*\* (...) De resto, Roma nunca ultrapassou o estágio de cidade; encontrava-se ligada às províncias por laços quase exclusivamente políticos que, bem entendido, poderiam ser quebrados por acontecimentos políticos (MARX, ENGELS, 2001, p. 14-15).

Na nota de rodapé deste texto, Marx e Engels explicam pela primeira vez o significado de *Lumpemproletariado*: “Significado literal: *proletariado andrajoso*. Elementos *marginais à classe do proletariado*

---

<sup>12</sup> *A Ideologia Alemã* os autores escrevem juntos pela primeira vez. Porém, este texto jamais foi publicado em vida dos autores, vindo somente a ser conhecido em 1932, pelo Instituto Marx-Engels da antiga URSS.

*urbano, miseráveis, não organizados*” (MARX, ENGELS, 2001, p. 108).

De acordo com o *Glossário de Termos Marxistas*, o uso de *lumpemproletariado* é criado e contextualizado em *A Ideologia Alemã* como:

termo *cunhado* por Marx em *A Ideologia Alemã* no curso de uma crítica a Max Stirner. Num trecho de *O Eu e Sua Propriedade* que Marx critica no momento, Stirner usa freqüentemente o termo *Lumpe* e aplica-o como um prefixo, mas *nunca* realmente o usou como termo de “*lumpenproletariat*”. *Lumpen* originalmente significava “trapos”, mas começou a ser usado para designar “uma pessoa em trapos”. Do sentido de “*ragamuffin*”, passou a significar “*riff-raff*” ou “*knave*”, e no início do século XVIII começou a ser usado livremente como um prefixo de uma série de termos pejorativos. Na década de 1820, *lumpen* poderia ser aderido a quase qualquer palavra alemã (MIA, 2017).

O termo *lumpen* surge diversas vezes na primeira versão do livro, mas é na segunda parte dos rascunhos referentes ao capítulo III, chamado “ironicamente” de “São Max” que Marx e Engels dialogam especificamente com Max Stirner (1806-1856):

Da sagrada burguesia o nosso santo Padre da Igreja chega, agora, ao proletariado “único” de Stirner. Este se compõe de “cavalheiros de indústria, *prostitutas*, *ladrões*, *assaltantes* e *assassinos*, jogadores, pessoas *despossadas*, *sem ocupação* e *levianas*”. Estes são “o proletariado *perigoso*” e, por um instante, reduzem-se a “alguns gritalhões”, depois, por fim, a “*vagabundos*” cuja expressão plena são os “*vagabundos intelectuais*” que não se atém “aos limites de uma forma moderada de pensar” (...) “Tal é o sentido amplo do assim chamado *proletariado* ou do *pauperismo*!” (p. 149 do livro de Stirner)” (MARX, ENGELS, 2007, p. 198).

Em seguida, quando Stirner comenta sobre a natureza do *proletariado*, Marx e Engels realizam uma filigrana crítica do texto escrito:

O proletariado inteiro se compõe, portanto, de burgueses arruinados e proletários arruinados, de um conjunto de *vadios* [*Lumpen*] que existiram em todas as épocas e cuja existência maciça, desde o ocaso da Idade Média, precedeu ao surgimento maciço do proletariado profano, do que São Max pode se convencer a partir da legislação e da literatura inglesas e francesas. Nosso santo tem exatamente a mesma concepção do proletariado que os “bons burgueses acomodados” e particularmente os “leais funcionários públicos”. Em consequência disso, ele também *identifica proletariado com pauperismo*, ao passo que o pauperismo representa apenas a condição do proletariado arruinado, o *último estágio no qual se afunda o proletário que se tornou incapaz de oferecer resistência à pressão da burguesia*, e só o proletário privado de toda e qualquer energia é um *pauper*. Por exemplo, aos olhos dos proletários, “Stirner” e seus consortes podem eventualmente valer como *paupers*, mas jamais como proletários. Tais são as representações “próprias” que São Max tem da burguesia e do proletariado. Como, porém, essas imaginações sobre liberalismo, bons burgueses e *vagabundos* naturalmente não o levam a nada, ele se vê necessitado, para efetuar a transição para o comunismo, a introduzir os burgueses e proletários reais, profanos, tal como ele os conhece de ouvir dizer. Isso se dá nas páginas 151 e 152, onde o *lumpemproletariado* [*Lumpenproletariat*] se transforma nos “trabalhadores”, nos *proletários profanos*, e os burgueses, “com o tempo”, passam “às vezes” por uma série de “mutações diversas” e por “múltiplas refrações” (MARX, ENGELS, 2007, p. 199).

Para Marx e Engels, “São Max”

(...) reduziu todo o comunismo, como *universal condição de trabalhador*, a um mesmo salário, uma descoberta que se repete nas três seguintes “refrações”: “contra a concorrência, ergue-se o princípio da *sociedade dos vadios* [*Lumpengesellschaft*] – a distribuição” (MARX, ENGELS, 2007, p. 212).

Neste sentido, o conceito de *lumpemproletariado* e de *proletário* no repertório político de Stirner, segundo Marx e Engels, é autoevidente, mesmo que este (Stirner) *não* utiliza o termo. Os autores finalizam o texto:

Se um dia os “vadios” stirnerianos, a exemplo dos *mendigos* parisienses do século XV, fundarem um reinado dos vadios, São Sancho certamente será o *vadio-rei*, já que ele é *vadio* “consumado”, um homem que não é dotado nem de riqueza ideal e que, em consequência, se nutre dos juros obtidos do capital de sua opinião própria (MARX, ENGELS, 2007, p. 227).

A nota final do tradutor, nesta edição de *A Ideologia Alemã* para a língua portuguesa, descreve:

A palavra *Lumpen* tem o significado original de “farrapo velho e sujo”, “pano de chão”, mas também é usada no sentido de “andrajo”. Figuradamente, *Lumpen* pode significar “vadio”, “vagabundo”, enquanto a derivação *Lump* é usada com o sentido fortemente pejorativo de “escória”, “mau-caráter”, “trapaceiro”. Marx utiliza *Lump* e *Lumpen* para designar o indivíduo vadio, que não se ocupa de nenhuma atividade socialmente produtiva. Portanto, traduzimos *Lump* e *Lumpen* por “vadio(s)”, acompanhando-as sempre do original entre colchetes. *Lumperei* foi traduzido por “vadiagem”, ao passo que o termo *Lumpenproletariat* foi traduzido por “lumpemproletariado”, conceito já consagrado na literatura marxista. (N. T.) (MARX, ENGELS, 2007, p. 558-559).

Max Stirner<sup>13</sup> (1806-1856), filósofo individualista e jornalista alemão, em 1841 já estava inserido dentro do grupo chamado “hegelianos de esquerda”, destacando-se entre eles, Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach e Friedrich Engels, como oposição aos clássicos filósofos alemães. Em 1843, começa a trabalhar em sua obra mais importante e singular, *O único e sua propriedade*, publicado em 1845. Em seu único livro, Stirner ensaia uma concepção própria do que seria o *proletariado*, o socialismo<sup>14</sup>, o Estado, a família, o individualismo egoísta, além de utilizar com frequência os termos *lumpen* - com seus complementos (sufixos).

Assim, podemos ver nessas citações que nesta tradução em espanhol, o termo *vagabundo* é traduzido do original *lumpen* em alemão. Stirner compõe o “lugar” do *lumpen* em oposição ao estamento da burguesia.

La burguesía se reconoce en su moral, estrechamente ligada a su esencia. Lo que ella exige ante todo, es que se tenga una ocupación seria, una profesión honorable, una conducta moral. El *estafador*, la *prostituta*, el *ladrón*, el *bandido* y el *asesino*, el jugador, el bohemio, son *individuos inmorales* y el burgués experimenta por esas personas sin costumbres la más fuerte repulsión. Lo que les falta a todos es esa especie de derecho de domicilio en la vida que da un negocio sólido: medios de existencia seguros, rentas estables, etc.; como su vida no se apoya sobre una base segura, pertenecen al *clan de los individuos peligrosos*, al *peligroso proletariado*: son individuos que no ofrecen ninguna garantía y

---

<sup>13</sup> Pseudónimo de Johann Caspar Schmidt.

<sup>14</sup> Como na crítica de Stirner aos comunistas: “*Según los comunistas, la comunidad debe ser la propietaria. Por el contrario, Yo soy el propietario, y no hago más que acordar con otros acerca de mi propiedad. Si la comunidad va contra mis intereses, Yo me sublevo contra ella y me defiendo. Soy propietario, pero la propiedad no es sagrada. ¿No seré; pues, meramente poseedor? ¡Eh, no! Hasta hoy, no se era poseedor, no se tenía una parcela sino porque se dejaba a otros la propiedad de una parcela. Pero en adelante todo me pertenece; soy propietario de todo lo que necesito y de lo que puedo apoderarme. Si el socialista dice: la Sociedad me da lo que me hace falta, el egoísta responde: Yo tomo lo que necesito. Si los comunistas actúan como indigentes, el egoísta obra como propietario*” (STIRNER, 2005, p. 264).

no tienen nada que perder, ni nada que arriesgar. (...) Se podría reunir bajo el nombre de *vagabundos* [*lumpen*] a todos los que el burgués considera sospechosos, hostiles y peligrosos. El *vagabundo* desagrada al burgués (...) En este amplio sentido se habla cuando se dice *proletariado* y *pauperismo*. ¡Cuánto se engañaría el que creyera que la burguesía es capaz de desear la desaparición de la miseria (del pauperismo) y de dedicar a ese objetivo todos sus esfuerzos! (...) La miseria que se amontona en las calles a su alrededor, no perturba al verdadero ciudadano hasta el punto de empujarlo a hacer algo más que congraciarse con ella, tirándole una limosna o dándole trabajo y comida a algún muchacho bueno y trabajador (STIRNER, 2005, p. 116-117).

Stirner é duramente criticado não apenas pelos seus compatriotas, Feuerbach, Bauer e Engels, mas também pelos anarquistas mutualistas como Pierre-Joseph Proudhon e por coletivistas como Mikhail Bakunin. Stirner, no entanto, foi utilizado como referência por Marx e Engels para denotar toda a margem do pensamento anarquista, ligando-o ao individualismo<sup>15</sup> (SKIRDA, 2002, p. 12). Segundo o historiador anarquista argentino Ángel Cappelletti,

Stirner não é, em rigor, um filósofo anarquista, por mais que assim empenhe-se em considerá-lo nos manuais (...) Stirner, se deleita em afirmar: '*Volksfreiheit ist nicht meine Freiheit*' ["A liberdade do povo não é minha liberdade"] (CAPPELLETTI, 1985, p. 77).

Desta forma, rejeitado tanto pelos comunistas quanto pela maioria dos anarquistas (mutualistas e coletivistas), Stirner parece ter

---

<sup>15</sup> Segundo Alexandre Skirda, o individualismo anarquista é considerado como filosofia ambígua. Ao contrário do anarquismo coletivista ou social, o anarquismo individualista nunca foi considerado como movimento social, mas sim um fenômeno filosófico/literário. Neste sentido, o anarquismo filosófico não pontua uma revolução para eliminar o Estado e o Capital, mas concentra-se apenas sobre o indivíduo, em ir contra a moralidade, ideologia, costume social, religião, sistemas ou vontade de terceiros (SKIRDA, 2002, p. 12).

estimulado o debate para a posteridade, em relação à conceituação que será feita sobre o *lumpemproletariado*, apesar dele não ter feito uso do termo.

### 2.3 LUMPEMPROLETARIADO EM *O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA* (1848)

Seguindo cronologicamente, mais precisamente no ano de 1848, que o termo *lumpemproletariat* é novamente mencionado e, desta vez, adquire determinada importância, quando Marx e Engels publicam *O Manifesto do Partido Comunista* (*Manifest der Kommunistischen Partei*).

O *Manifesto da Liga dos Comunistas*, seu nome original, era considerado o guia para a ação e organização política do proletariado, apontando que historicamente a sua função revolucionária deveria se realizar na luta de classes. Neste manifesto, produzido em meio aos debates com seus partidários, é que a ideia de *classe proletária* traz um ineditismo histórico e com natureza eminentemente revolucionária.

No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels se referem ao *lumpemproletariado* da seguinte forma:

As classes médias - (*Mittelstände*), pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses - combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como classes médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da história. Quando são revolucionárias, é em consequência de sua iminente passagem *para o proletariado*; não defendem então seus interesses atuais, mas seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para adotar o do proletariado. O *lumpemproletariado*, esse *produto passivo da putrefação das camadas mais baixas* da velha sociedade pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predispõem mais a vender-se à *reação* para servir às suas manobras (MARX, ENGELS, 1998, p. 76).



Em nota explicativa da edição inglesa de 1888, o termo *lumpemproletariado* é descrito pelos próprios autores como “*dangerous class*” [classe perigosa] e “*social scum*” [escória social]. E, nota de rodapé da edição 1988, a editora descreve:

ao invés de *lumpemproletariado*, aparecem os termos “classe perigosa” (*dangerous class*) e “escória social” (*social scum*). Seja como for, Marx e Engels referem-se aqui à camada social composta de trabalhadores *ocasionais, desempregados, indivíduos incapacitados de trabalhar, vagabundos, criminosos*, etc (MARX, ENGELS, 1998, p. 76).

A partir destas definições, podemos distinguir uma divisa conceitual sobre o entendimento do *proletariado*, bem como da sua função histórica e sobre o *lumpemproletariado*, que da mesma forma, onde este se insere no processo de transformação social. Estas atribuições, considerando a linha de construção do conceito são, ao mesmo tempo, intermitentes e determinantes para o epílogo teórico do pensamento marxista.

#### 2.4 LUMPENPROLETARIADO EM AS LUTAS DE CLASSES NA FRANÇA DE 1848 A 1850 (1850)

Marx publica em 1850, pela revista *Nova Gazeta Renana*, de Hamburgo, um trabalho onde desenvolve os prévios conceitos de *classe* e de *luta de classes*, assim como a concepção de *Estado, revolução e partidos*, em análise posterior ao evento trágico da Revolução de 1848. Também é neste trabalho que o conceito de *ditadura do proletariado* será melhor elucidado evidenciando a necessidade da conquista do poder político pelo proletariado organizado, discriminando também, o sentido político e as “funções políticas” da classe proletária, bem como sua relação com as demais “classes subalternas”, tal como o campesinato e o *lumpemproletariado* (MARX, 2012, p. 04).

Publicado como a *Luta de classes na França*, Marx escreve sobre a situação política em que se apresentava a França antes da Revolução de 1848, dominada pelas “alianças” que a burguesia e a aristocracia napoleônica operava e enredava-se com as camadas “mais baixas”

Enquanto a aristocracia financeira legislava, dirigia a administração do Estado, dispunha de todos os poderes públicos organizados e dominava a opinião pública pelos fatos e pela imprensa, repetia-se em todas as esferas, desde a corte ao Café Borgne, a mesma prostituição, as mesmas despudoradas fraudes, o mesmo desejo ávido de enriquecer não através da produção, mas sim através da sonegação de riqueza alheia já existente; nomeadamente no topo da sociedade burguesa manifestava-se a afirmação desenfreada - e que a cada momento colidia com as próprias leis burguesas - dos apetites doentios e dissolutos em que a riqueza derivada do jogo naturalmente procura a sua satisfação, em que o prazer se torna *crapuleux* [vil], em que o dinheiro, a imundície e o sangue confluem. No seu modo de fazer fortuna como nos seus prazeres a aristocracia financeira não é mais do que o renascimento do *lumpemproletariado* nos cumes da sociedade burguesa. As frações não dominantes da burguesia francesa gritavam: “Corrupção!” O povo gritava: “*À bas les grands voleurs! À bas les assassins!*” [Abaixo os grandes ladrões! Abaixo os assassinos!] quando no ano de 1847, nos palcos mais elevados da sociedade burguesa, se representava em público as mesmas cenas que conduzem regularmente o *lumpemproletariado* aos bordéis, aos asilos, aos manicômios, aos tribunais, às prisões e ao cadafalso. A burguesia industrial via os seus interesses em perigo; a pequena burguesia estava moralmente indignada; a fantasia popular estava revoltada (...) A revolução de Fevereiro tinha atirado o exército para fora de Paris. A Guarda Nacional, isto é, a burguesia nas suas diferentes gradações, constituía a única força. Contudo, não se sentia suficientemente forte para enfrentar o *proletariado*. Além disso, fora obrigada, ainda que opondo a mais tenaz das resistências e levantando inúmeros obstáculos, a abrir, pouco a pouco, e em pequena escala, as suas fileiras e a deixar que nelas entrassem proletários armados. Restava, portanto, apenas uma saída: opor uma parte do *proletariado* à outra. Para esse fim o

Governo provisório formou 24 batalhões de Guardas Móveis, cada um deles com mil homens, cujas idades iam dos 15 aos 20 anos. Na sua maioria pertenciam ao *lumpemproletariado*, que em todas as grandes cidades constitui uma massa rigorosamente *distinta* do proletariado industrial, um centro de recrutamento de ladrões e criminosos de toda a espécie que vivem da escória da sociedade, gente *sem ocupação definida, vagabundos, gens sans feu et sans aveu* [“pessoas sem fogo e sem confissão”], variando segundo o grau de cultura da nação a que pertencem, não negando nunca o seu caráter de *lazzaroni*<sup>16</sup>; capazes, na idade juvenil em que o Governo provisório os recrutava, uma idade totalmente influenciável, dos maiores heroísmos e dos sacrifícios mais exaltados como do banditismo mais repugnante e da corrupção mais abjeta. O Governo provisório pagava-lhes 1 franco e 50 cêntimos por dia, isto é, comprava-os. Dava-lhes um uniforme próprio, isto é, distinguia-os exteriormente dos homens de blusa de operário. Para seus chefes eram-lhe impostos, em parte, oficiais do exército permanente, em parte, eram eles próprios que elegiam jovens filhos da burguesia que os cativavam com as suas fanfarronadas sobre a morte pela Pátria e a dedicação à República (MARX, 1997, p. 17, 25, 26).

---

<sup>16</sup> De acordo com a nota escrita pelo próprio Marx, “*lazzaroni*” seria a “alcanhada em Itália aos *lumpemproletários*, aos elementos *desclassificados*; os *lazzaroni* eram frequentemente utilizados pelos círculos monárquico-reacionários na luta contra o movimento democrático e liberal” (MARX, 1997, p. 94). No período das revoluções republicanas, os *lazzaroni* de Nápoles eram considerados entre os mais pobres das camadas baixas. De acordo com o *The Nuttall Encyclopædia* de James Wood, eles seriam “uma classe indolente de pessoas da rua sob o comando de um chefe, que costumavam morar em Nápoles e se mostraram formidáveis nos períodos de revolução; subsistindo em serviço como mensageiros, porteiros, e em parte como mendigos.” Disponível em:

<[https://en.wikisource.org/wiki/The\\_Nuttall\\_Encyclop%C3%A6dia/L#Lazzaroni](https://en.wikisource.org/wiki/The_Nuttall_Encyclop%C3%A6dia/L#Lazzaroni)>

Na Seção IV, “A abolição do sufrágio universal em 1850”, tematizando a figura de Luís Bonaparte, Marx escreve que:

(...) esta suja figura igualmente se iludia sobre as causas que cada vez mais a revestiam do caráter de homem necessário. Enquanto o seu partido teve discernimento bastante para atribuir às circunstâncias a crescente importância de Bonaparte, este supunha que essa importância era unicamente devida à magia do seu nome e à sua incessante caricatura de Napoleão. De dia para dia ele tornava-se cada vez mais empreendedor. Às peregrinações a St. Leonards e a Wiesbaden opôs ele as suas digressões através da França. Os bonapartistas tinham tão pouca confiança no efeito mágico da sua personalidade que enviaram por toda a parte como claques, despachada em massa por comboios e diligências, gente da *Sociedade 10 de Dezembro*, essa organização do *lumpemproletariado* de Paris. Puseram discursos na boca da sua marionete, os quais proclamavam, segundo a recepção nas diferentes cidades, ora a resignação republicana ora a tenacidade perseverante como lema eleitoral da política presidencial. Apesar de todas as manobras, estas viagens tinham muito pouco de cortejos triunfais (MARX, 1997, p. 81).

Aqui, o papel do *lumpemproletariado* se converte na sustentação política do bonapartismo e o pensamento marxista se estende a dar uma referência específica para formar a ideia do bonapartismo em aliança com o *lumpemproletariado*.

## 2.5 LUMPEMPROLETARIADO EM *O DEZOITO DE BRUMÁRIO* (1852)

Se a historiografia marxista, em relação à formação política do proletariado em classe social, converte-se em teoria, nesta obra, Marx reforça especificamente alguns conceitos anteriores. Em *O Dezoito de Brumário*, Marx analisa a derrota do proletariado na insurreição de junho de 1848, depois do seu efêmero triunfo em fevereiro, e reafirma a processualidade da luta de classes bem como as possibilidades de (des)constituição do proletariado.

Marx afirma que o lumpemproletariado se encontra também nos “cumes da sociedade burguesa”, citando a *Sociedade 10 de Dezembro* como o movimento político bonapartista que foi criado para apoiá-lo em seu golpe em 1851. Nesta obra, Marx usou o termo *lumpemproletariado* para explicar a forma como o golpe bonapartista sucedeu-se, a partir da organização do próprio lumpemproletariado na Guarda Móvel:

A República burguesa triunfou. A seu lado alinhavam-se a aristocracia financeira, a burguesia industrial, a classe média, a pequena burguesia, o exército, o *lumpemproletariado* organizado em Guarda Móvel, os intelectuais de prestígio, o clero e a população rural. Do lado do *proletariado* de Paris não havia senão ele próprio. Durante as jornadas de junho todas as classes e partidos se haviam congregado no partido da ordem, contra a classe proletária considerada como o partido da anarquia, do socialismo, do comunismo (...) Bonaparte, que precisamente por ser um boêmio, um príncipe *lumpemproletário*, levava vantagem sobre o burguês vil porque podia conduzir a luta por meios vis, viu agora, depois que a própria Assembleia o guiara, por sua própria mão, através do terreno escorregadiço dos banquetes militares, das revistas de tropas, da *Sociedade de 10 de Dezembro* e, finalmente, do Código Penal, que chegara o momento em que poderia passar de uma aparente defensiva à ofensiva (...) Desta vez, Luís Bonaparte encontra-se em uma excursão política, onde pelas cidades que passava, apresentava seus planos de governo. Nessas incursões pelos pais, Luís Bonaparte levava consigo, com o intuito de promover encontros triunfais, despertando o interesse público, elementos filiados a *Sociedade 10 de Dezembro* (MARX, 2000b, p. 25-95).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> A crítica que Linden faz a Marx é sobre a sua descrição dos fatos contidos em *O Dezoito de Brumário*. Por exemplo, o autor cita Mark Traugott, da sociologia histórica, que pesquisou a fundo a longa citação descritiva do *lumpemproletariado* na Guarda Móvel bonapartista de 1848. Traugott desacredita a afirmação marxiana da composição social original dos “trabalhadores que estavam no lado errado das barricadas”, já que, a Guarda Móvel “consistia fundamentalmente em trabalhadores de ofícios *artesanais*,

Mais adiante, o próprio Bonaparte não escapa dessa alcunha, sendo apresentado por Marx como “*boêmio, um príncipe lumpemproletário*” (MARX, 2000a, p. 95).

Logo em seguida, Marx realiza uma longa descrição de toda a sorte de pessoas que, segundo ele, seriam consideradas como parte do lumpemproletariado, os segmentos sociais que merecem esta classificação:

A pretexto de fundar uma *sociedade beneficente*, o *lumpemproletariado* de Paris fora organizado em facções secretas, dirigidas por agentes bonapartistas e sob a chefia geral de um general bonapartista. Lado a lado com *roués* [derrotados] decadentes, de fortuna duvidosa e *de origem duvidosa*, lado a lado com arruinados e aventureiros rebentos da burguesia, havia *vagabundos*, soldados desligados do exército, *presidiários libertos*, forçados *foragidos das galés*, *chantagistas*, *saltimbancos*, *lazzaroni*, *punguistas*, *trapaceiros*, *jogadores*, *maquereaux* (alcoviteiros), donos de bordéis, carregadores, *literati* (intelectuais), *tocadores de realejo*, *trapeiros* [*Lumpensammler*]<sup>18</sup>, *amoladores de facas*, *soldadores*, *mendigos* — em suma, toda essa *massa indefinida e desintegrada*, atirada de ceca em meca, que os franceses chamam *la bohême*; com esses elementos afins, Bonaparte formou o núcleo da Sociedade de 10 de Dezembro - ‘Sociedade beneficente’ no sentido de que todos os seus membros, como Bonaparte, sentiam necessidade de se beneficiar às expensas da nação laboriosa; esse Bonaparte, que se erige em chefe do *lumpemproletariado*, que só aqui reencontra em massa, os interesses que ele pessoalmente persegue, que reconhece nessa *escória*, nesse refugio, nesse *rebotalho de todas as classes*, a única classe em que pode apoiar--se

---

que requeriam relativamente altos níveis de habilidade e treinamento. Dizer isto não é negar a presença de ocupações dispersas que se encaixam na descrição do *lumpemproletariado*” (LINDEN, 2013, p. 94).

<sup>18</sup> Do original em alemão. Fonte: <[http://ciml.250x.com/archive/marx\\_engels/german/marx\\_engels\\_der\\_achtzehn\\_te\\_brumaire.pdf](http://ciml.250x.com/archive/marx_engels/german/marx_engels_der_achtzehn_te_brumaire.pdf)>

incondicionalmente, é o verdadeiro Bonaparte, o Bonaparte *sans phrase* (MARX, 2000b, p. 95).

E ainda:

Dinheiro como dádiva e dinheiro como empréstimo, era com perspectivas como essas que esperava atrair as massas. Donativos e empréstimos - resume-se nisso a ciência financeira do *lumpemproletariado*, tanto de alto como de baixo nível. Essas eram as únicas alavancas que Bonaparte sabia movimentar. Nunca um pretendente especulou mais vulgarmente com a vulgaridade das massas. (...) O próprio exército já não é a flor da juventude camponesa; é a flor do pântano do *lumpemproletariado camponês* (...) A indústria e o comércio, e, portanto, os negócios da classe média, deverão prosperar em estilo de estufa sob o governo forte. São feitas inúmeras concessões ferroviárias. Mas o *lumpemproletariado bonapartista* tem que enriquecer. Os iniciados fazem *tripotage* na Bolsa com as concessões ferroviárias (MARX, 2000b, p. 75, 144, 146).

Como se sabe, Marx realiza neste texto a análise do curso do golpe de Estado realizado por Luís Bonaparte em 1851. Para ele, tanto o lugar comum do viés transformador da Revolução de Fevereiro e mesmo os acontecimentos posteriores ao golpe podem ser considerados como exemplos vivos da luta de classe e que, portanto, o mecanismo da filosofia materialista da história é verificado enquanto teoria. Napoleão III havia falhado em outras tentativas de golpe, mas em 1848 vence as eleições presidenciais. Marx, em seu trabalho anterior, *As Lutas de Classes na França*, explicava como operam essas classes no jogo político, como a classe proprietária dos meios de produção, o proletariado, o campesinato e mesmo o *lumpenproletariat*, no qual, neste último, ele identifica a força decisiva para o ganho do poder golpista de Luís Napoleão se envolve no jogo da luta de classes.

## 2.6 LUMPENPROLETARIADO EM *O CAPITAL* (1867-1869)

*O Capital*<sup>19</sup> é, sem dúvida, uma das principais obras de Karl Marx. E segundo a própria historiografia sociológica, distingue-se como clássico da literatura da sociologia, da política e também da economia. Neste livro, ele analisa o “*modus operandi*” da sociedade capitalista bem como, através de uma minuciosa exposição dos elementos básicos do sistema econômico e suas relações, o abismo existente entre as duas classes antagônicas.

O primeiro volume de *O Capital* foi publicado em 1867, e neste trabalho, de certa forma avança, não apenas na repetição descritiva dos agentes formadores do lumpemproletariado, mas também, traz à luz uma nova categoria: a *esfera do pauperismo*, classificando-o em uma categorização abaixo do proletariado, socialmente e economicamente, ampliando assim, toda a margem do *proletariado*, em três categorias, como neste trecho do Capítulo XXIII de *O Capital*, na “Lei Geral da Acumulação Capitalista”:

Finalmente, o *mais profundo sedimento da superpopulação relativa* habita a *esfera do pauperismo*. *Abstraindo vagabundos, delinquentes, prostitutas*, em suma, o *lumpemproletariado* propriamente dito, essa camada social consiste em *três categorias*. Primeiro, os *aptos para o trabalho*. Basta apenas observar superficialmente a estatística do pauperismo inglês e se constata que sua massa se expande a cada crise e decresce a toda retomada dos negócios. Segundo, *órfãos e crianças indigentes*. Eles são candidatos ao exército industrial de reserva e, em tempos de grande prosperidade, como, por exemplo, em 1860, são rápida e maciçamente incorporados ao exército ativo de trabalhadores. Terceiro, degradados, maltrapilhos, *incapacitados para o trabalho*. São notadamente indivíduos que sucumbem devido a sua imobilidade, causada pela divisão do trabalho, aqueles que ultrapassam a idade normal de um trabalhador e finalmente as vítimas da indústria, cujo número cresce com a maquinaria perigosa, minas, fábricas químicas etc., isto é, aleijados, doentes, viúvas etc. O pauperismo constitui o

---

<sup>19</sup> *O Capital* tem a sua primeira edição escrita em 1867. *Livro I*, publicado pela Otto Meissner, Hamburgo.



asilo para inválidos do exército ativo de trabalhadores e o *peso morto* do exército industrial de reserva. Sua produção está incluída na produção da superpopulação relativa, sua necessidade na necessidade dela, e ambos constituem uma condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza. Ele pertence ao *faux frais* [despesas falsas] da produção capitalista que, no entanto, o capital sabe transferir em grande parte de si mesmo para os ombros da classe trabalhadora e da pequena classe média (MARX, 1996, p. 273).

Notamos aqui então, que o *lumpemproletariado* é uma categoria diversa de outras três e também diferente do próprio *exército de reserva*. Para definir melhor esta classificação e elucidar melhor o conceito de *esfera do pauperismo*, destacamos os seguintes pontos:

- a) àqueles aptos para o trabalho, o proletariado pobre por si;
- b) “órfãos e crianças indigentes”, que constituirão futuramente os candidatos ao exército industrial de reserva;
- c) os “degradados”, “maltrapilhos”, “incapacitados para o trabalho” como as vítimas da indústria;

Essa esfera do pauperismo seria o chamado “peso morto” desse exército industrial de reserva, o setor mais denso da superpopulação relativa dividida em três categorias por Marx.

Ainda no *Capital*, mais exatamente no Primeiro Volume, o conceito de *trabalho* é apresentado a partir do Capítulo VII e que se desdobrará ao longo de sua obra. Nestas passagens, podemos encontrar a justificativa do pensamento marxista quanto à centralidade *ontológica* do trabalho<sup>20</sup>, isto é, sobre a função do “ser social”:

Antes de tudo, o *trabalho* é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza (...) Põe em movimento as forças naturais de seu corpo - braços e pernas, cabeça e

---

<sup>20</sup> Em relação ao conceito de *ontologia* na centralidade do trabalho, utilizamos aqui no sentido de fazer alusão à constituição do *ser social* como assim bem o definiu Georg Lukács em *Sobre a Ontologia do Ser Social* (1984), e, no entanto, tal conceito continua a expressar problemas, leituras diversas, que necessariamente envolve a noção de *trabalho social* e *processo revolucionário*.

mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 1974b).

## 2.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE O *LUMPENPROLETARIADO* POR OUTROS MARXISTAS

Outro marxista, porém considerado pela maioria das correntes revolucionárias como centro da socialdemocracia, é Karl Johann Kautsky (1854-1938), filósofo e teórico tcheco-austriaco. Kautsky faz uma análise sobre o conceito de classe em *A Questão Agrária* referindo-se ao modo de produção capitalista como sendo “soberano de toda a sociedade atual”, sendo o “antagonismo da classe dos capitalistas e do *proletariado assalariado* que move o nosso século e lhe dá a sua fisionomia” (KAUTSKY, 1980 p. 25). E neste sentido, ele estabelece uma definição do *lumpemproletariado*, que está entre:

restos de modos de produção pré-capitalistas que persistem nos cimos dos porões da sociedade, (...) *diferentes espécies do proletariado andrajoso (lumpenproletariat)* e todas as camadas que são em parte *resíduos* de formas sociais pré-capitalistas (KAUTSKY, 1980 p. 25).

Ao analisar *O Capital* de Marx, Kautsky também avalia que no *O Dezoito de Brumário* e na *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*, esses “proletários andrajosos”, são constituídos de forma mais ampla de camponeses, burocratas, soldados, professores e estudantes. Tal descrição tende a complexificar cada vez mais um conceito marxista preciso sobre o *lumpemproletariado* (KAUTSKY, 1980 p. 25).

Leon Trotsky (1879-1940), teórico revolucionário russo cuja influência no marxismo desdobrou-se na corrente trotskista, corrobora com esse ponto de vista de Marx e Engels ao perceber que o *lumpemproletariado* como categoria e grupo social, é totalmente vulnerável em relação à sua capacidade política. Em sua coleção de ensaios sobre o fascismo, no mesmo sentido defendido pelos dois autores alemães, ele escreve:

Através da agência fascista, conjuntos capitalistas movimentam as massas da pequena burguesia enlouquecida e as *bandas de desclassificados e desmoralizados, lumpemproletariado* - todos os incontáveis seres humanos que financiam o próprio capital trazem o desespero e a loucura (TROTSKY *apud* MIA, 2017).

De acordo com o sociólogo britânico Tom Brass<sup>21</sup>, Vladimir Lenin<sup>22</sup> considerava as tentativas de recrutamento dos elementos do *lumpemproletariado* para dentro da luta revolucionária como “oportunistas” e condizentes com este grupo (BRASS, 2017, p. 174).

Importante salientar que em 1926, *A Grande Enciclopédia Soviética* foi elaborada a partir da corrente marxista-leninista que definia o *lumpemproletariado*, como no verbete:

Uma camada *desclassificada* em uma sociedade antagônica (incluindo *vagabundos, mendigos e elementos criminosos*). O *lumpemproletariado* se tornou particularmente difundido no capitalismo. São recrutados de várias classes e são *incapazes* de implementar uma *luta política organizada* (...) O *lumpemproletariado* desaparece com a abolição do sistema capitalista (TGSE, 2017).

De acordo com a socióloga russa Svetlana Stephenson, estudando a realidade da primeira era soviética, principalmente os aspectos relacionados à extrema pobreza, ela destaca que a Rússia de Lenin de 1917, possivelmente já nem se utilizava mais do termo *lumpemproletariado*, como sinônimo de *desclassificados*, tornando-se inclusive raro (STEPHENSON, 2017).

Seguindo a linha de pensamento marxista, outro autor, o sociólogo e teórico político britânico, Paul Quentin Hirst, escreveu em 1981, *Marx, Engels, a lei, o delito e a moralidade*, uma aproximação

---

<sup>21</sup> Tom Brass (nascido em 1946) é um sociólogo marxista britânico onde realizou estudos de importância sobre a *questão agrária* e o *campesinato* nas regiões *periféricas* do capitalismo, sendo considerado por alguns como “um dos principais estudiosos marxistas do Reino Unido”.

<sup>22</sup> Vladimir Lenin (1870-1924), revolucionário e político russo, um dos fundadores do Estado Soviético de 1917, como teórico marxista, suas ideias levaram-no a desenvolver linhas de pensamento conhecidas como marxismo-leninismo.

entre *direito* e *marxismo* cujo esforço reúne a tarefa similar de esclarecer certas abordagens “polêmicas” de Marx e Engels. Embora se posicione a favor de uma análise mais complexa sobre o *conceito de classes* controversa em relação a Marx e Engels, Hirst dirige sua defesa da crítica especificamente ao lumpemproletariado, de forma mais radical do que os autores originais, que o remete diretamente às práticas criminosas e “marginais” que tal grupo desempenharia dentro do proletariado. Hirst sugere ainda, que

a condenação do *lumpemproletariado* não deve ser descartada como um mero *moralismo burguês* por parte de Marx e Engels, pelo contrário, é o resultado de uma compreensão materialista sofisticada da *natureza reacionária das classes marginais e penais* (HIRST *apud* TAYLOR;WALTON;YOUNG, 1980 p. 249-286).

Porém, em Mao-Tse-Tung, encontramos uma abordagem diferente destas anteriores, quanto ao seu *papel político*. Na verdade, a análise fundamental de Mao sobre o lumpemproletariado chinês não se dá pela sua “natureza reacionária”, mas pela sua capacidade de poder empreender, pela via da instrução, um *papel político* importante no processo revolucionário, como assim ele escreve:

Além de todas essas outras classes, há o *lumpemproletariado* razoavelmente grande, formado por *camponeses* que perderam suas terras e por *artesãos que não conseguem trabalhar*. Eles levam a *existência mais precária de todos*. Um dos problemas difíceis da China é como lidar com essas pessoas, combatentes corajosos, mas aptos a serem destrutivos, eles podem se tornar uma *força revolucionária* se receberem orientação adequada” (MAO *apud* MIA, 2004).

Analisando ainda dentro desta perspectiva, na obra do marxista heterodoxo estadunidense Hal Draper<sup>23</sup>, *O Conceito de*

---

<sup>23</sup> Hal Draper (1914-1990) foi um marxista heterodoxo estadunidense, sendo conhecido por sua extensa erudição sobre a história e o significado do

*Lumpemproletariado em Marx e Engels* (1972), o autor explica de forma clara que podem existir “emaranhados”, “mal-entendidos”, “más interpretações e até mesmo erros de tradução” (DRAPER *apud* LINDEN, 2016, p. 61) que acompanham o seu conceito.

O processo de definição que Marx, Engels e os demais teóricos citados fizeram ao longo de suas obras sobre a natureza (composição social) do *lumpemproletariado* e sobre o seu *papel político*, foi destacado e selecionado neste capítulo. Porém, vimos especificamente que Marx, na sua última obra em que cita o *lumpemproletariado* (*O Capital*, de 1867), manteve as mesmas disposições das demais citações, como *vagabundos*, *delinquentes* e *prostitutas*, porém ampliando, reagrupando outros setores e grupos sociais, como parte de um proletariado pobre, o exército de reserva, dentro do que ele denomina como *esfera do pauperismo*.

O conceito de *lumpemproletariado* dentro de toda a obra marxista não possui uma importância exclusiva ao ponto de ceder um capítulo ou uma obra específica sobre o assunto.<sup>24</sup> Assim como podemos compreender que Marx, da mesma forma, não chegou a completar em definitivo um capítulo sobre o conceito de *classe*, por exemplo, ainda que, tal conceito possa se apresentar “diluído” em toda sua obra.

Mas, apesar de não ter sido “priorizado” o conceito de *lumpemproletariado*, ainda assim, está presente, - tão presente que são destas intercaladas citações referenciais, que podemos procurar nestas passagens, elementos em comum, apesar de parecer, à primeira instância, ainda um conceito “embaralhado” e “meandroso”.

---

pensamento de Karl Marx. Draper foi um defensor do que ele chamou de “socialismo de baixo”, autoemancipação da classe trabalhadora, em oposição ao capitalismo e à burocracia stalinista, atuando em campanhas antifascistas nos EUA, desempenhando um papel na fundação do Partido dos Trabalhadores, na formação do *Independent Socialist Club* (ISC), até se tornar um militante independente.

<sup>24</sup> Da mesma forma, não significa que Marx não trabalhou em sua bibliografia, referências a estes grupos sociais, como podemos encontrar em *A Sagrada Família* (1844), por exemplo.



### 3. CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO NA PERSPECTIVA ANARQUISTA

(...) *poderíamos dizer: todos os centros são iguais, todas as áreas periféricas são diferentes.*

Leon Tolstoi

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ANARQUISMO

O anarquismo é uma ideologia política que surgiu na primeira metade do século XIX na Europa. Os seus primeiros teóricos se opunham a toda forma de dominação e exploração, que podem ser entendidos, como Estados, governos, instituições religiosas, sistemas econômicos, entre outros. O seu surgimento está intrinsecamente relacionado ao contexto histórico particular em que a Europa se encontrava, na mesma época do surgimento do marxismo. Ambas ideologias políticas propugnavam mudanças sociais amplas e significativas. O período em que demarcamos o presente tema está atrelado à figura de Mikhail Bakunin (CAPPELLETTI, 1985, p. 07).

Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876) foi um teórico político anarquista russo, considerado como uma das figuras mais influentes do anarquismo e o seu pensamento como um dos principais baluartes do chamado socialismo libertário, a ala coletivista ou federalista do socialismo. A trajetória política e filosófica de Bakunin nos leva ao encontro do contexto geral do próprio movimento operário e principalmente das revoltas sociais, antiimperialistas e camponesas que persistiam desde a juventude de Bakunin. Ao conhecer pessoalmente Pierre-Joseph Proudhon e Karl Marx em Paris, Bakunin vinte anos depois se junta à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT, em 1864), federação livre do proletariado internacional com seções filiadas espalhadas por toda a Europa, América Latina e Estados Unidos, norte da África e Oriente Médio. Com a AIT, a influência coletivista (a corrente anarquista defendida por Bakunin), rapidamente se expande, levando a certos conflitos estratégicos com o marxismo.

Sendo o anarquismo uma filosofia social e ideologia política, segundo Cappelletti, existe um problema entre os historiadores e politólogos socialistas sobre o *conceito de classe* do anarquismo, ligando-o ao próprio *lumpemproletariado*. Ele afirma que no passado,

os marxistas, sem exceção, se empenharam em apresentar o anarquismo já como uma ideologia

dos pequenos proprietários rurais e da pequena burguesia (artesãos, etc), já como uma *ideologia do lumpemproletariado*. O próprio Marx tratava a Proudhon como um *petit-bourgeois* e a Bakunin como um *'desclassificado'*. Hoje, alguns marxistas mais lúcidos ou menos dogmáticos reconhecem que o anarquismo tem sido e é uma das alternativas ideológicas da classe trabalhadora (CAPPELLETTI, 1985, p. 11).

As relações pessoais de Bakunin e Marx tiveram um abalo maior quando ambos se envolveram nos debates que foram marcantes para a constituição do que Bakunin chamaria de *diferenças conceituais* sobre o próprio socialismo. Esse “racha” emblemático deu-se no Congresso de Haia na Holanda em 1872, à qual a ala federalista da AIT foi expulsa pelo Conselho Geral, liderada por Marx. Os coletivistas, em maior número, agora por fora da AIT, passaram a adotar outra linha estratégica de luta: o sindicalismo revolucionário.

Segundo Cappelletti,

o socialismo federalista e antiautoritário de Bakunin se impôs nas organizações proletárias desde a Espanha, Itália, Portugal, Suíça francesa, França e América Latina, e teve também considerável influência na Bélgica, Holanda, Bulgária, Romênia, Rússia, China, Japão, Coreia e Estados Unidos (...) Mais que nenhum outro entre os ideólogos do anarquismo, exaltou a espontaneidade da massa e a *força revolucionária* do campesinato e do *lumpen proletariat* (CAPPELLETTI, 1985, p. 103-104).

Foram durante estes debates, dentro da AIT, e com Marx, que Bakunin desenvolveu, amadureceu e articulou as suas ideias que foram fundamentais para a construção do sindicalismo e do anarquismo. Bakunin produziu mais de 50 escritos, entre livros e cartas em menos de 30 anos, sendo uma destas ideias centrais para este estudo, como o conceito de *lumpemproletariado* é trabalhado por ele.

Não obstante, os conflitos entre marxistas e anarquistas, que ocorreu durante a após a 1ª Internacional (1864), que principalmente giravam em torno de Marx e Bakunin, posteriormente não estendeu-se como generalidade, tendo até inclusive, em citações que são aqui



realizadas, de marxistas (ortodoxos e heterodoxos) *convergingo* nas mesmas teorias sobre o lumpemproletariado.

### 3.2 O LUMPEMPROLETARIADO E A PERSPECTIVA *PERIFÉRICA*

Bakunin inaugura uma distinta análise da realidade, chamada por alguns teóricos anarquistas, de *materialismo sociológico*<sup>25</sup>, e por outros, como o método de *centro-periferia*: a perspectiva que se coloca em oposição à ideia política de *centro*. Segundo o teórico anarquista holandês Rudolf de Jong<sup>26</sup>, este método de análise, apesar de ter sido exposto por Bakunin e Proudhon, foi melhor “desenvolvido, entre outros, por Malatesta, que sugere uma transformação social revolucionária neste sentido, da *periferia para o centro*” (JONG, 2008, p. 21).

Para Jong, a orientação teórica periférica que Bakunin confere ao debater com a perspectiva marxista é significativa para compreender a sua metodologia. Por exemplo, Jong afirma que Bakunin salientou antecipadamente que nos principais centros capitalistas do século XIX, mais precisamente na Alemanha e na Inglaterra, o *proletariado urbano* se desviaria e distanciaria do fervor revolucionário pois suas “atitudes morais e pontos de vistas” estariam mais próximos às classes burguesas, enquanto que, sua esperança era depositada nas áreas *periféricas* da Europa como a Itália, Rússia e a Espanha<sup>27</sup> (JONG, 2008, p. 57).

Ironicamente, em dois destes países chamados de *periféricos* pelos próprios historiadores marxistas e deveras, “atrasados” economicamente em relação aos demais países do *centro*, àqueles industrializados, foi onde posteriormente à morte de Bakunin, sucederam-se as duas maiores revoluções socialistas da história contemporânea europeia: respectivamente, a Revolução Russa e a Guerra Civil Espanhola. Ambas, com a participação de uma

---

<sup>25</sup> Sobre o método de análise de Bakunin, consultar a entrevista de Felipe Corrêa a René Berthier, estudioso da bibliografia do anarquista russo. Disponível em: <<http://monde-nouveau.net/IMG/pdf/berthier-teoria-politica-e-metodo-de-analise-no-pensamento-de-bakunin.pdf>>.

<sup>26</sup> Rudolf De Jong, historiador e pesquisador anarquista holandês ligado ao Instituto Internacional de História Social (IISH), de Amsterdã.

<sup>27</sup> Jong cita a fonte: *Archives Bakounine*, II, *Michel Bakounine et les Conflits dans l'Internationale*, 1872.

considerável porcentagem dos setores classificados como *lumpemproletariado* e camponeses<sup>28</sup>.

Dialogando com Marx e Engels, tal processo revolucionário, ao contrário da ideia contida no *Manifesto Comunista*, não se efetuaria nas “zonas do capitalismo mais avançado”, mas na sua *periferia*, na ampla margem do proletariado, entre os setores mais pobres, os *não assalariados*, o *lumpemproletariado* e o *lumpesinato* (BAKUNIN, 1976, p. 62).

Mais especificamente sobre o lumpemproletariado e sua “função” na revolução social na Europa, Jong sustenta que na análise dos

países ‘*periféricos*’ como Espanha, Rússia e Itália, Bakunin diferenciava-se de Marx, dando, além desta atenção ao potencial revolucionário dos *camponeses*, ênfase ao ‘*lumpemproletariado*’ - que aparece descrito como ‘*proletariado esfarrapado*’ - em suas reflexões sobre a revolução na Itália (JONG, 2008, p.16).

---

<sup>28</sup> Isso sem falar dos demais *países periféricos* à Europa Ocidental, onde sobrevieram revoluções de cunho libertário, seguindo o mesmo padrão: *maioria camponesa* e com forte presença de um *lumpemproletariado*, tais como na Revolução Mexicana (1910), Revolução Cubana (1959), Revolução Ucraniana (1917), entre outras. Pela sequência, no México, o magonismo exerceu uma influência direta na criação dos movimentos *camponeses*, *indígenas* e do *lumpemproletariado*, que deram origem ao *zapatismo*, elementos do *banditismo social* atribuído a Pancho Villa, com o *comunalismo agrário e indígena*, tendo Jack London escrito em apoio: “socialistas, anarquistas, *vagabundos*, *ladrões de galinhas*, e *cidadãos indesejáveis* dos Estados Unidos de América” (ZARCONI, 2006). Em Cuba, a presença de *bóias frias ex-escravos*, *analfabetos*, *indigentes*, *ambulantes e desempregados*, todos elementos do *lumpemproletariado* e do *lumpesinato* que ajudaram a compor as milícias antibatistas (FERNÁNDEZ, 1987); e na Ucrânia, com a forte e hegemônica presença dos *cossacos*, classificados como *vagabundos*, caçadores da estepe, camponeses e pobres e que converteram-se em rebeldes, fugitivos, e “*bandidos*” (TRAGTENBERG, 2007, p. 36).

Dando continuidade à análise em relação à “periferia” do capitalismo, o professor e militante marxista brasileiro Sergio Norte escreve ainda,

A ideia de *populacho*, da multidão anônima ocupa lugar central na reflexão de Bakunin (...) confiava na *potencialidade revolucionária* dos países industrialmente atrasados da Europa no século XIX (Rússia, Itália e Espanha) e caracterizava uma crescente cooptação pela sociedade burguesa do proletariado dos países mais avançados. (...) Ao contrário de Marx que fundamentava sua teoria naquilo que poderíamos chamar do *centro do sistema (proletariado urbano, potencialidade revolucionária nos países de capitalismo avançado)*, Bakunin tomava sempre a *perspectiva da periferia do sistema (lumpemproletariado, camponeses, bandidos)* (NORTE, 1988, p. 14).

Outro marxista heterodoxo, o sociólogo brasileiro Maurício Tragtenberg assinala igualmente que, para os marxistas, o processo da Revolução Russa,

foi um momento total de reavaliação das ideias. Dentre outros fatores que provocaram essa nova visita às teorias do século XIX, estava o fato que, *diferentemente* de Marx e Engels haviam dito, a revolução não explodiu em um país do centro do sistema capitalista e industrialmente desenvolvido, mas sim num império falido com resquícios feudais, onde a *maioria da população era de camponeses miseráveis* (...) A ideia de que a revolução socialista aconteceria nos países capitalistas em que as forças produtivas estivessem mais desenvolvidas pode ser encontrada em vários momentos do pensamento de Marx e Engels (TRAGTENBERG, 2007, p. 16).

De acordo com Jong, é extremamente importante prestar atenção, antes de tudo, à relação dicotômica entre o que se considera como *periférico e central*. Para o autor, aí residem os problemas estruturais de “emancipação” (JONG, 2008, p. 34). Em si, o termo

*áreas periféricas* implica a existência de um *centro* e/ou de *sistemas centrais* que dominam tais áreas (...) O que é considerado pelo *centro* como um processo político ‘normal’ muitas vezes é experimentado como opressão pelos habitantes das ‘áreas periféricas’. A situação ‘periférica’ de uma área é criada; é o resultado da exploração por outra área, isto é, o *centro* (JONG, 2008, p. 34).

Um exemplo do caráter de desconfiança em relação aos países e sociedades periféricas, aparece em um artigo do jornal *Die Neue Rheinische Zeitung* de Marx e Weydemeyer<sup>29</sup>, escrito por Engels em 1849, onde critica Bakunin ao comentar sobre a ocupação da Califórnia (1847) pelas tropas estadunidenses<sup>30</sup> (JONG, 2008, p. 90-91).

Quando Marx realiza a sua análise da história para identificar as contradições evidenciadas na luta de classes entre a burguesia e o proletariado urbano, ele, segundo Jong:

colocava sua expectativa em uma parte específica do proletariado: o *proletariado industrial e urbano*, que existia em abundância nas regiões *mais desenvolvidas* economicamente (...) as forças progressistas da sociedade seriam a burguesia (que transformaria as economias pré-capitalistas em capitalismo) e o proletariado (que

---

<sup>29</sup>*Neue Rheinische Zeitung: Organ der Demokratie*, ou *A Nova Gazeta Renana* foi um jornal que circulou entre nos anos de 1848 a 1849 na cidade de Colônia, Alemanha, editado por Marx e Joseph Weydemeyer.

<sup>30</sup> Segundo Engels, a importância da conquista da Califórnia pelos “enérgicos ianques” trataria de agir segundo os “interesses” do progresso contra os “mexicanos preguiçosos”, pois abririam o México e o Pacífico para o comércio mundial. De acordo com a citação de Engels: “Bakunin censura os americanos por fazerem uma guerra de conquista. É uma infelicidade se a rica Califórnia foi arrancada dos *mexicanos preguiçosos* que não sabiam o que fazer com ela?” (JONG, 2008, p. 90-91. In: MARX, ENGELS. Werke, Band 6, Berlin, 1961, p. 273-274). Em outro momento, Engels, durante a luta de resistência do povo argelino contra o colonialismo francês realizada por Abdel Kader, o alemão soube se colocar ao lado do imperialismo colonial (JONG, 2008, p. 90-91); E por último, sobre as posições políticas e econômicas de Marx e Engels em relação ao centro europeu, um marxista holandês se mostrou contrário à alegação dos alemães de que o imperialismo britânico representaria um desenvolvimento histórico ao lado dos *boers* sul-africanos.

transformaria o capitalismo em socialismo (JONG, 2008, p. 14-15).

Para Jong, Marx não estava interessado em outros grupos e *áreas periféricas* e neste sentido, ele corroboraria para uma teoria da *inevitabilidade histórica*:

viu a miséria, a tragédia das *áreas periféricas*, mas as viu como vítimas de um processo histórico, que avaliava como *inevitável e positivo*. Na sua opinião, o papel social das áreas periféricas era um papel *conservador*, e mesmo *reacionário*. Tinham de ser destruídas pelo *centro* e pelos capitalistas emergentes, caso a sociedade quisesse entrar no reino do socialismo. O marxismo mostra o mesmo desdém da burguesia liberal pelo *lumpemproletariado*, pela *luta e organização camponesa independente*, pelos trabalhadores manuais independentes e pelas *culturas "primitivas"*. Na concepção de Marx, as únicas forças progressivas são a *burguesia* e o *proletariado*. Não há contradição entre este papel progressista concedido à burguesia e seu papel reacionário na luta de classes contra o proletariado. A burguesia representa uma força revolucionária no processo de construção da sociedade capitalista e uma força reacionária na luta do proletariado pelo socialismo - os coveiros, criados pelo próprio capitalismo. Sempre que o sistema central capitalista, no curso de seu crescimento, criava, atacava ou desorganizava *áreas periféricas*, Marx tomava partido da "História"<sup>31</sup>, com a burguesia (JONG, 2008. p. 52-53).

A afirmação de um *proletariado urbano* enquanto força revolucionária em seu rol histórico, também está vinculada ao que o italiano anarquista Camillo Berneri chamou de *obrerolatria* (BERNERI, 1936, p. 163). Berneri critica a ideia de um "fetichismo industrialista",

---

<sup>31</sup> A consideração sobre o *papel revolucionário* da burguesia na luta contra o regime feudal é encontrado em *O Manifesto do Partido Comunista*, na seguinte passagem, por exemplo: "A burguesia desempenhou na história um papel altamente revolucionário" (MARX, ENGELS, 1998, p. 68).

da *obrerolatria*, bem como a chamada *cultura proletária*, que seria uma ideia construída, uma “invenção funcional” para o êxito do “mito obrerista”, conveniente, segundo ele, para a sustentação da

inelutável da necessidade da ditadura da classe operária (...) O costume de chamar ‘*proletariado*’ aos núcleos de vanguarda e das elites operárias é um brinquedo que deve ser guardado no sótão (...) Não existe uma ‘consciência operária’ como típico *caráter psíquico* de uma classe inteira (...) O operário ideal do marxismo e do socialismo é um personagem mítico. Pertence à metafísica do romanticismo socialista e não à história (BERNERI, 1936, p. 25,163).

Segundo Norte, Bakunin dedica-se à elaboração de como, após o processo da Revolução Industrial, o *lumpemproletariado* teria sido excluído dos pleitos sociais e políticos em razão do exclusivismo do *proletário assalariado*:

O sustentáculo social do movimento socialista europeu na segunda metade do século passado é o *proletariado urbano*. Este é a expressão de um movimento estrutural da sociedade: o desenvolvimento técnico e também o *trabalho assalariado* e conseqüente imigração massiva do campo para a cidade (...) Bakunin rejeita o *exclusivismo operário* na revolução social e trabalha com o conceito de uma *unidade entre os oprimidos* contra a dominação burguesa. A crítica bakuniana se opõe à rigidez do pensamento marxiano e insiste na despersonalização causada pelo poder e pela autoridade (NORTE, 1988, p. 84-85).

No sentido de imputar à figura do *proletariado urbano* como *sujeito histórico*, o pesquisador histórico-social holandês Marcel Van der Linden, estuda a história dos movimentos sociais e a história do trabalho na tentativa de buscar uma nova compreensão do termo “classe trabalhadora”. Linden destaca que o próprio conceito de *classe trabalhadora* pode ser “limitado e eurocêntrico”, quando o jovem Marx tenta definir quem é o *sujeito revolucionário*, como *única* força social

capaz de transcender o capitalismo, referindo-se à ideia de *centro* (LINDEN, 2013, p. 58).

### 3.3 O LUMPENPROLETARIADO E O CONCEITO DE *POVO*

Porém, para ajudar a definir e compreender melhor o conceito de *lumpemproletariado* segundo a perspectiva anarquista, podemos antes incorporar o entendimento que Bakunin tinha sobre o *povo*. No seu primeiro trabalho escrito, publicado em 1842, intitulado *A Reação na Alemanha*, *povo* seria

(...) a *classe das pessoas pobres* que constituem sem dúvida alguma a imensa maioria da humanidade, essa classe de que já se reconheceu os direitos em teoria, mas que o seu aparecimento e a sua situação de condenados, até ao presente, à miséria e à ignorância e, do mesmo modo, a uma escravidão de fato, esta classe que constitui o *povo* propriamente dito, toma por toda a parte uma atitude ofensiva; começa a enumerar os seus inimigos, cujas forças são inferiores às suas, e a reclamar a efetivação dos seus direitos que todos já lhe reconheceram (BAKUNIN, 1971).

Da mesma forma que seu predecessor teórico, J. P. Proudhon, Bakunin referia-se a *povo* como o conjunto dos oprimidos e explorados e os vários segmentos *intraclasse*. Proudhon advogava a utilização de *povo* como mais apropriada para toda a ampla população de marginalizados, que incluía também tanto o *lumpemproletariado* quanto o *proletariado*, termo este que para Proudhon já seria “impreciso”, por considerar a complexidade da malha social (PROUDHON, 2009, p. 08).

Outro anarquista, o espanhol Anselmo Lorenzo, contemporâneo de Bakunin, aborda o conceito em uma obra exclusiva, no livro *El Pueblo*, a qual defende a utilização conceitual de *povo* para referir-se à grande maioria ou conjunto de explorados e oprimidos (LORENZO, 2017, p. 07).

Por esta razão, Bakunin toma empréstimo deste termo para referir-se ao próprio *lumpemproletariado*, como “populacho”, “povo”, “canalha popular”, “canalha operária”, “santo populacho” entre outras terminologias (NORTE, 1988, p. 30).

Destacamos uma abordagem sobre como este conceito é trabalhado por Bakunin em *A política da Internacional*, publicado no jornal *L'Égalité* em 1869:

Até hoje, desde o começo da história, ainda não houve política do *povo*, e entendemos por *este termo* o *povão*, a *canalha operária* que nutre o mundo com seu trabalho (BAKUNIN, 2008a, p. 44).

Segundo o economista e pesquisador anarquista Fábio López López, o conceito de *povo* para Bakunin, se insere na sua dupla análise conceitual de relação de *poder* e *dominação* entre os setores sociais mais baixos, os explorados e oprimidos (LÓPEZ, 2001, p. 83, 87).

Para Bakunin, a noção de *povo*, deveria ser compreendida para além da esfera do Estado e nação, pois as relações de poder fariam parte do tensionamento existente na própria luta de classes.

Neste ponto, Bakunin irá afirmar que a concepção marxista de *proletariado* enquanto *classe*, se baseia em noções pré-estabelecidas fundamentadas sobre o exclusivismo do *proletário urbano/operário*, como vemos neste trecho:

Há neste programa outra *expressão* que nos é profundamente antipática a nós, anarquistas, que queremos sinceramente a completa emancipação popular. É o *proletariado*, o mundo dos trabalhadores, apresentado como *classe*, e não como *massa e povo*. Sabe o que significa isto? Nem mais nem menos, que uma nova aristocracia, a dos operários das fábricas e das cidades (...) *Classe, poder, Estado*, são três termos inseparáveis, cada um dos quais supõe exatamente os outros dois, e todos juntos se resumem definitivamente nestas palavras: a *sujeição política* e a *exploração econômica* das massas<sup>32</sup> (BAKUNIN, 1973, p. 253-254).

---

<sup>32</sup> Original: “*There is another expression in that programme which is deeply antipathetic to us revolutionary anarchists who unconditionally advocate full popular emancipation, and that is the designation of the proletariat, the world of the workers, as class rather than as mass. Do you know what this means? Nothing more or less than a new aristocracy, that of the urban and industrial workers, to the exclusion of the millions who make up the rural proletariat and*



Bakunin, ao renegar a subordinação de uma categoria à outra, elabora uma posição que contrapõe esta “vocação” ou “missão histórica”, colocando ênfase sobre o *lumpemproletariado*. Bakunin não o desclassifica, não o divide, senão que o empodera e, não obstante, amplia o *conceito de proletariado*, como no conceito de *massa e povo*, todo o conjunto de explorados e oprimidos (BAKUNIN, 1973, p. 253-254).

Portanto, para entender essa perspectiva *periférica* é necessário considerar a performance das *forças sociais* (BAKUNIN, 2008b, p. 28) que constituem, segundo Bakunin, o *conjunto de classes exploradas e oprimidas*, sendo elas: o *proletariado urbano*, o *lumpemproletariado*, o *campesinato*, e todos os demais setores marginalizados, em confronto direto com as classes dominantes.

Como vimos, Bakunin em resposta à perspectiva marxista, reelabora o conceito de *lumpemproletariado* trazendo consigo outros elementos teóricos como o método de *centro-periferia*. Ele também observa o contexto e o conceito de *luta de classes*, seguindo outros dois conceitos importantes, o de *exploração* e o de *dominação* (BAKUNIN, 2008a, p. 45-49). Esta teoria se baseia nas análises das esferas de agência do Estado<sup>33</sup>, em diferentes tipos de dominação política, social e econômica, à qual observa a *dominação* como sendo sistêmica e estrutural (CORRÊA, 2014, p. 04).

Nesta análise da dominação sistêmica das classes dominantes, a luta de classes, incorporava, por um lado, os proprietários de terras, a

---

*who, in the provisions of the German social democrats, will in effect become subjects of this great so-called popular State. Class, power and State, these three terms are inseparable, each of them necessarily implying the other two, and summed up in aggregate by these words: the political subjugation and economic exploitation of the masses”* (BAKUNIN, 1973, p. 253). Tradução do autor.

<sup>33</sup> Bakunin se refere à teoria marxista sobre o apoderamento do Estado pelo proletariado, descrito em *O Manifesto do Partido Comunista* como o “objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição do proletariado em *classe*, derrubada da dominação da burguesia, *conquista do poder político* pelo proletariado.” (MARX, ENGELS, 1998, p. 80) E ainda, “o proletariado deve, em primeiro lugar, conquistar a *dominação política* (*die politische Herrschaft*), elevar-se em classe nacional (...)” Em nota explicativa de 1888, “elevar-se à condição de *classe dirigente* da nação” (MARX, ENGELS, 1998, p. 84); “(...) o primeiro passo na revolução operária é a elevação do proletariado em *classe dominante*” (MARX, ENGELS, 1998, p. 86).

burguesia, a burocracia estatal, o clero e, pelo outro, o *proletariado urbano*, o *campesinato* e o *lumpemproletariado*. Sendo este último, constituído por toda sorte de “*marginalizados, desempregados, mendigos, miseráveis, analfabetos, ladrões etc*” (CORRÊA, 2014, p. 14).

Na análise da *perspectiva periférica*, o *lumpemproletariado*, bem como o *campesinato*<sup>34</sup>, trabalhadores manuais e culturas pré-capitalistas, poderiam ser enquadrados num campo de agência maior e mais ampla, daqueles grupos sociais *marginalizados*, e como tal, podendo incluir, inclusive, as relações interseccionais de *classe* e *etnia* (JONG, 2008, p. 17).

Em carta ao jornal *La Liberté* de Bruxelas (1872), referindo-se ao *lumpemproletariado*, Bakunin registra a sua passagem mais conhecida, onde constrói o seguinte posicionamento:

Por *flor do proletariado*, quero dizer, principalmente, essa grande *massa*, esses milhões de *não-civilizados, deserdados, miseráveis e analfabetos* que o Sr. Engels e o Sr. Marx pretendem submeter ao regime paternal de um governo muito forte sem dúvida, para sua própria salvação, como todos os governos não foram estabelecidos, é evidente, no próprio interesse das massas. Por *flor do proletariado*, refiro-me precisamente a essa carne de governo eterno, essa *grande canalha popular*, que, sendo mais ou menos virgem de toda civilização burguesa, traz em seu seio, em suas paixões, em seus instintos, em suas aspirações, em todas as necessidades e misérias de sua posição coletiva, todos os germes do socialismo do futuro, o que só ela é hoje bastante poderosa para inaugurar e fazer triunfar a Revolução Social<sup>35</sup> (BAKUNIN, 2001, p. 24).

---

<sup>34</sup> A título de exemplificação, ainda sobre o *campesinato* ou *lumpesinato*, o marxismo clássico acabou afastando-se mesmo até das tendências mais revolucionárias do campo, como o caso do *narodnismo* russo e das experiências comunais do *mir* (TRAGTENBERG, 2007, p. 63), desacreditando em seu potencial, em função da missão histórica “socialista”, tendo de cumprir as suas fases de transição.

<sup>35</sup> Carta enviada por Bakunin à redação do jornal *La Liberté* de Bruxelas no dia 5 de outubro de 1872 quando encontrava-se em Zurique, Suíça.

Desse trecho acima, sobre a palavra utilizada, “canalha”<sup>36</sup>, Bakunin escreve em nota:

Nota 10: O Srs. Marx e Engels a designam ordinariamente por essa palavra, ao mesmo tempo desprezível e pitoresca, *lumpemproletariado*, o ‘proletariado esfarrapado’, os *gueux* [mendigos] (BAKUNIN, 2001, p. 24).

Um ano depois, em *Estatismo e Anarquia* (1873), ele retorna a explicar mais sobre a sua interpretação em relação ao *lumpemproletariado*, e neste mesmo trecho, Bakunin, além de destacar a questão do exclusivismo político do *proletariado urbano e assalariado*, ele coloca em xeque o seu papel de vetor social e revolucionário, justamente nos países considerados *periféricos*:

Essa classe de trabalhadores (*operários assalariados*) encontram-se, sobretudo na Alemanha e Suíça; na Itália, ao contrário, é insignificante e se perde na *grande massa* sem deixar o menor rastro ou influência. Na Itália predomina o proletariado extremamente *pobre e esfarrapado* [*lumpen*], esse *lumpenproletariat* de que os senhores Marx e Engels, em consequência toda a escola socialdemocrata da Alemanha, falam com um desprezo profundo, e bem injustamente, pois é nele, e *apenas nele*, e não na camada aburguesada da massa operária, que reside, na totalidade, o espírito e a força da futura revolução social (BAKUNIN, 1976, p. 62).

### 3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LUMPEMPROLETARIADO POR OUTROS ANARQUISTAS

Estas considerações, iniciadas primeiramente por J.P.Proudhon, e depois em um teor mais específico por Mikhail Bakunin, através de sua perspectiva periférica, podemos encontrar o seu desdobramento com outros autores, esta mesma abordagem.

---

<sup>36</sup> Apesar de Marx e Engels não fazerem uso da expressão “canalha”, Bakunin toma emprestado o termo *lumpemproletariado* para referir-se a todo o conjunto de explorados e dominados.

Para Jong, “diferentemente do marxismo, o anarquismo não concede um papel específico ao *proletariado industrial*” (JONG, 2008, p. 55). Assim, é possível encontrar na literatura anarquista, uma posição que é destacada na ideia de *amplitude e inserção* na qual

*todos os tipos* de trabalhadores e de pobres, *todos* os oprimidos, *todos* aqueles que, de algum modo, pertencem a *grupos ou áreas periféricas* e, portanto, constituem fatores *potenciais* na luta revolucionária pela transformação social (JONG, 2008, p. 55).

Seguindo esse raciocínio, para Jong, o conceito de *lumpemproletariado*, ampliado por Bakunin, integra uma grande parcela das massas despossuídas, submetidas à dominação e exploração, sendo elas mesmas parte de um processo “latente”, com:

os *excluídos* da sociedade - e os *grupos marginais*, os jovens, o *lumpemproletariado* etc, mencionados nas categorias - sempre receberam a simpática atenção nos escritos anarquistas. É bem sabido que Bakunin considerava o *lumpemproletariado* e os intelectuais *déclassés* como *forças revolucionárias*, e que sentia grande simpatia pela revolta dos *camponeses* de Razin e Pugachev<sup>37</sup>. Sabe-se que a “*plebe*” desempenha um papel positivo nos estudos anarquistas sobre a história, tal como na história da Revolução Francesa de Kropotkin. No anarquismo, os fatores sociopsicológicos são

---

<sup>37</sup> Inúmeras revoltas camponesas russas são descritas por Bakunin em sua biografia. Por exemplo: a Insurreição de Kroski (1591) contra a nobreza local; a Revolta de Razin (1670) contra a nobreza e burocracia czarista que, segundo o historiador Paul Avrich, caracteriza essa revolta como uma “mistura curiosa de *banditismo* e revolta” cujo lema era “guerra ao latifúndio” (AVRICH, 2017, p. 04); a Rebelião de Bulavin (1707) contra a Rússia Imperial pelas quais os camponeses fugiam da servidão imposta por lei; a Rebelião de Pugachev (ou Guerra dos Camponeses de 1773) foi uma das principais revoltas populares contra o czarismo que incluía *camponeses*, *cossacos* e até *tribos indígenas* da fronteira oriental.

considerados autônomos e não subordinados aos fatores econômicos, e seu papel é respeitado, se julgarmos pela atenção dada nos escritos anarquistas aos jovens - juventude como tal, *não proletários* (JONG, 2008, p. 56).

Para Cappelletti, a sustentação de que o *lumpemproletariado*, além de ser o local de *fermento* das forças sociais, deveria ser, ele mesmo, onde o anarquismo poderia se desenvolver:

o certo é que ali onde o anarquismo floresceu e conquistou influência decisiva sobre o curso dos acontecimentos, suas hostes estavam majoritariamente integradas por proletários e camponeses (...) Mas é certo também que em muitas regiões o anarquismo é professado pelas *massas camponesas sem terra* e que nessas regiões, em nome do anarquismo se realiza tudo quanto de revolucionário se faz. Mas até, inclusive o *lumpen proletariat* têm abraçado às vezes o anarquismo, sobretudo nos momentos de grande agitação social e de *efervescência revolucionária* (...) Quer dizer, então, que o anarquismo é uma ideologia policlassista? Quer dizer que, se desenvolve e alcança sua maior força dentro da classe proletária, é uma ideologia de *todas as classes oprimidas e exploradas* enquanto tais (...) Isto demonstra o caráter *amplo e não dogmático* do anarquismo: não teria nenhuma dificuldade em aceitar que a classe proletária possa, em determinadas circunstâncias históricas, deixar de ser a protagonista da revolução e que a sua bandeira pode ser recolhida por outra classe ou por um setor de outra classe (CAPPELLETTI, 1985, p. 12-13).

Cappelletti ainda, em relação às diferenças conceituais do proletariado em geral, entre a perspectiva marxista e a anarquista, reforça a crítica bakuniniana afirmando que:

O marxismo, pelo contrário, encontra seus melhores adeptos sobretudo nas camadas médias e altas da classe proletária, entre os operários especializados e alfabetizados, entre os semitécnicos e os quase-letrados (CAPPELLETTI, 1985, p. 13).

### 3.5 AS RELAÇÕES ENTRE O LUMPEMPROLETARIADO E O LUMPESINATO

A *desclassificação* que o marxismo ortodoxo, por exemplo, realiza sobre os mecanismos de proletarização do campesinato, é feita mediante uma contextualização *universal*. A obra *Desenvolvimento do capitalismo na agricultura*, de Lenin, desenvolve “marcos teóricos centrais do marxismo ortodoxo em relação à questão agrária”, tornando assim, o “campesinato como *resíduo anacrônico condenado inelutavelmente a desaparecer* ante o inexorável desenvolvimento das forças produtivas” (GUZMÁN, MOLINA, 2005, p. 51, 52, 53).

Trabalhando em cima de um conceito mais “amplo e generoso de *sujeito revolucionário*”, no que se refere ao “conjunto de classes exploradas”, (JONG, 2008 p. 15) Bakunin concebia tanto no “*lumpemproletariado*” quanto nos *camponeses*, um papel de importância, enquanto que Marx, no *Manifesto*, “não acreditava que outros setores pudessem ser investidos desta *função revolucionária*”, pois “muitas vezes, ao contrário, seriam forças conservadoras” (JONG, 2008, p. 15).

Neste mesmo sentido, Norte assinala que Bakunin, em sua análise,

já caracterizava os camponeses como uma força importante na sua estratégia revolucionária, que está *não somente* fundamentada no movimento operário, como também no *lumpemproletariado* e no *campesinato* (...) Acentua a *potencialidade revolucionária* dos países menos desenvolvidos economicamente, analisando a dominação ideológica burguesa sobre os trabalhadores e, mais ainda, o embrião de uma aristocracia operária (NORTE, 1988, p. 40-41).

No entanto, Marx em suas últimas publicações, promove - tal como no próprio conceito de *lumpemproletariado* ao diminuir a sua

abrangência a três grupos sociais em *O Capital* -, uma inclusão revisada sobre o seu conceito político de campesinato. Isto acontece na troca de correspondências entre Karl Marx e Vera Zasulich, em 1881. Zasulich (1851-1919) foi uma revolucionária russa, primeiramente anarquista, depois menchevique, sendo responsável posteriormente por traduzir uma série de obras de Marx e influenciar a criação do POSDR (Partido Operário Socialdemocrata Russo) em 1898. O conteúdo destas correspondências é sobre o *papel revolucionário* do campesinato. Percebe-se que a questão camponesa (estudando o caso na Rússia) poderia ser revista por Marx, a partir do princípio da *expropriação* dos *kulaks* e sua emancipação por parte das grandes massas camponesas. Zasulich envia este questionamento a Marx, pois no *Capital*, “ele não discute a questão agrária e não diz nada sobre a Rússia”. Marx responde revelando que<sup>38</sup>

*restringiu* expressamente a ‘fatalidade histórica’ deste movimento aos países da Europa Ocidental (...) e que como circunstância favorável à conservação da comunidade russa [o *mir*] (...) a expropriação do produtor agrícola é a base de todo o processo (...) A análise no *Capital*, portanto, não fornece razões a favor ou contra a vitalidade da comuna russa. Mas o estudo especial que fiz dele, incluindo uma busca por fontes originais, me convenceu de que a comuna [mir] é o ponto de apoio para a *regeneração social* na Rússia (MIA, 2018).

As teorias de Marx sobre o lumpesinato, portanto, podem ser medidas entre suas “fases”:

Sem chegar a aceitar a conhecida diferenciação do pensamento de Marx em três etapas: uma, hegeliana e idealista da juventude; outra madura e materialista de caráter científico; e uma terceira, de *aproximação* com o campesinato (...) É necessário reconhecer a virada *narodnista* que se operou no pensamento de Marx em seus últimos

---

<sup>38</sup> A presente carta é o primeiro esboço da resposta de Marx à carta de V. I. Zasulich datada em 16 de fevereiro de 1881. Correspondência Marx-Zasulich de 8 de março de 1881. *Karl Marx: A resposta a Zasulich*. MIA, 2018. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/reply.htm>>.

dez anos, quando começa a analisar o *papel do campesinato* no processo histórico (GUZMAN, MOLINA, 2005, p. 41).

Bakunin possuía o conhecimento histórico das sucessivas revoltas do campesinato russo, que desde o século XVII foram sucedendo-se, geralmente contra os nobres feudais, o czarismo e a burguesia emergente. Ao defender a luta revolucionária neste sentido, Bakunin estava ciente da composição heterogênea dessa massa insurgente, que incluía *camponeses, tribos indígenas e cossacos*. Estes últimos, eram classificados pelas autoridades russas, como *vagabundos*, tal como uma das definições encontradas no *lumpemproletariado*. A maioria dos cossacos converteram-se em *rebeldes, fugitivos, e bandidos*, de acordo com as autoridades. O *cossaco*, portanto, era um *vagabundo* proveniente da Rússia e da Ucrânia, caçador da estepe, camponês e pobre (TRAGTENBERG, 2007, p. 36).

Segundo Tragtenberg, praticamente todas as revoluções com intenção socialista revolucionária, dos séculos XIX e XX, foram fruto da *ação das massas camponesas pobres* e, que constituíam, nos países onde se deram, a maior parcela da população, como na China, Coreia, México, Espanha, Rússia e Itália (TRAGTENBERG, 2007, p. 100). É importante traçarmos o contorno referente ao problema conceitual relativo figura social do *lumpesinato*, ou da fração mais empobrecida do camponês, que já foi citada anteriormente.

Neste sentido, em particular, encontramos nos estudos do cientista político e antropólogo estadunidense James C. Scott, do Departamento de Ciências Políticas da Universidade de Yale sobre o *lumpesinato*, em sociedades agrárias, *não estatais* e *sociedades periféricas subalternas*, estratégias de resistência a várias formas de dominação, à qual aponta que

em grande medida, pode-se dizer que a historiografia da luta de classes tem sido sistematicamente distorcida em favor de uma posição centrada no Estado (...) Por conseguinte, toda história ou teoria da ação política dos camponeses que queira fazer justiça ao campesinato como ator histórico deve, necessariamente, ajustar suas contas com o que estamos chamando de 'formas cotidianas de resistência' (...) Em qualquer caso, muitos dos esforços dos camponeses serão vistos pelas



classes apropriadoras como truculência, fraude, *vagabundagem*, furto ou arrogância – em resumo, todas as etiquetas planejadas para denegrir as muitas faces da resistência (...) Enquanto o campesinato apega-se a sua pequena parcela, pode vislumbrar uma agricultura coletivizada (SCOTT, 2002, p. 2, 4, 21).

Não podemos nos aprofundar nesta questão, no entanto, é relevante exemplificar como a conceituação do *lumpesinato* exerceu a mesma sorte interpretativa em vários de seus elementos constituintes, tal como o *lumpemproletariado* e que este, dentro da perspectiva anarquista, é praticamente inviável desassociá-lo do camponês.



## 4. CONCEITO DE LUMPEMPROLETARIADO NA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA E CRIMINOLOGIA CRÍTICA

*A mera existência de um sistema de bem-estar social (...) tem como consequência inevitável minar o caráter moral do povo. Não trabalhar é mais fácil que trabalhar.*  
Charles Murray, 1994

### 4.1 CONTEXTO E CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS DO LUMPEMPROLETARIADO

Toda a complexidade da chamada *sociedade contemporânea e industrial* parece acionar os cientistas sociais para sucessivos posicionamentos frente a novos contextos. A análise do fenômeno dos processos de *exclusão* e/ou de *pobreza* integram o universo do imaginário sociológico das categorias.<sup>39</sup> A atenção para o *estudo da pobreza* e suas origens sempre foram de importância para a sociologia, desde o século XIX.

O conceito de *pobreza* já era utilizado enquanto categoria econômica e social antes dos socialistas utópicos, tal como Adam Smith, por exemplo, na sua obra, *A Riqueza das Nações* (1776), ao considerar grupos *heterogêneos* como *pobres*. Vimos que o lumpemproletariado constitui-se como um *fenômeno social* que poderia ser rastreado desde a Idade Média (CASTEL, 2008, p. 119). Na segunda metade do século XIX, o continente europeu passou pelo impressionante crescimento das cidades e neste contexto, estas viram surgir fenômenos como o *banditismo social* (HOBSBAWM, 1976, p. 16) e o aumento da ampla massa de trabalhadores pobres, oriundos da cidade e do campo, bem como as demais categorias e grupos sociais que poderíamos atribuí-los como *lumpemproletariado*. Com isto, a utilização dos termos pejorativos para *classificar* o lumpemproletariado tornaram-se conhecidos em diversos registros da época.

---

<sup>39</sup> Por *categoria*, entendemos aqui o conceito que é utilizado por Chinoy: “As coleções de pessoas que carecem dos atributos de um grupo podem ser separadas, por sua vez, em duas divisões distintas. Uma delas, que podemos chamar de *categoria social*, consiste em pessoas que possuem status semelhante e, portanto, nesse sentido, desempenham o mesmo papel social - por exemplo, homens, adolescentes, banqueiros, *vagabundos*” (CHINOY, 1993, p. 76).

O termo *classe perigosa* foi primeiramente registrado pelo léxico *Oxford English Dictionary* (1859), onde explica que

as *classes perigosas* eram formadas pelas pessoas que houvessem passado pela *prisão* ou as que, por ela não tendo passado, já vivessem notoriamente da *pillagem* e que se tivessem convencido de que poderiam, para o seu sustento e o de sua família, ganhar mais praticando *furtos* do que *trabalhando* (GUIMARÃES, 2008, p. 21).

Para o jornalista marxista Alberto Passos Guimarães, em sua obra *As classes perigosas: banditismo urbano e rural*, o fato de empregar esse termo para designar o amplo setor de *desprivilegiados*, como o *lumpemproletariado*, suscitou o preconceito *moral* “comumente praticado por Marx e Engels”, que segundo ele, teriam sido “influenciados” pelo preconceito dominante na época (GUIMARÃES, 2008, p. 21).

Na sociologia contemporânea, o conceito de *pobreza* passou a ser revivificado na década de 70 do século XX, quando as taxas de degradação e extremas condições de sobrevivência cresceram e se ampliaram significativamente (PAUGAM *apud* CODES, 1996, p. 287).

O sociólogo alemão Herbert Gans afirma que no final dos anos 60 nos Estados Unidos, teria surgido o termo *underclass*<sup>40</sup> [*subclasse*], designando a *base piramidal*. Seria o processo de *marginalização* com conotações de cunho *incriminador*, tais como *pedinte*, *desvalido*, *classe perigosa*, *ralé*, *vagabundo*, *mendigo*, *idiota*, *desqualificado*, *marginal*, *underclass* e *vadio* (GANS *apud* KOWARICK, 1994). Com o passar do século, o fenômeno do neoliberalismo na década de 90 conduziu a novas terminologias para analisar esse *lumpemproletariado*, como *hiperprecarizados*, *população em situação de rua* [os *homeless*], *refugiados imigrantes*, *desabrigados*, *outsiders* e *desviantes*<sup>41</sup>, todos conceitos importados e criados para a sociologia contemporânea.

---

<sup>40</sup> O criador do termo foi o economista keynesiano e sociólogo sueco Karl Myrdal (1898-1987) para designar uma classificação atualizada do “problema do *lumpemproletariado*” e às classes de “*desempregados e subempregados*, que são cada vez mais irremediavelmente separados do Estado” mas que se tornam cada vez mais visíveis num mundo progressivamente urbano.

<sup>41</sup> Howard Becker define o “*sujeito desviante*” como “*outsider*”: “aquele que se *desvia* das regras de grupo (...) Uma concepção menos simples de *desvio* o identifica como algo essencialmente *patológico*, revelando a presença de uma

Traçadas as duas perspectivas anteriores, percebemos que o conceito de *lumpemproletariado*, *converge* em muitos aspectos às narrativas descritas, mas *diverge* quanto à sua “função”, como vetor de transformação social. Neste sentido, utilizaremos neste capítulo, os elementos que podem *convergir* em relação ao que consideraríamos como *lumpemproletariado*. Assim, determinados elementos em comum, independente da definição concreta dada pelas perspectivas analisadas, consideraremos portanto, como uma *base da pirâmide social*.

O sociólogo alemão Norbert Elias, em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder* aborda grupos sociais *desviantes e estigmatizados*, no seguinte contexto:

como em todas as outras sociedades humanas, a maioria das pessoas dispõe de uma gama de termos que *estigmatizam* outros grupos, e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre *estabelecidos* e *outsiders* (...) repetidamente, constata-se que *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como *indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros* (...) Mas os sintomas de inferioridade humana que os grupos estabelecidos muito poderosos mais tendem a identificar nos grupos *outsiders* de baixo poder e que servem a seus membros como justificação de seu *status elevado* e prova de seu valor superior costumam ser gerados nos membros do grupo inferior (...) A *pobreza* - o baixo padrão de vida - é um deles. De 1830 em diante, mais ou menos, a expressão "os grandes mal lavados" [Ou "*the great unwashed*"] tornou-se corrente como denominação das "camadas inferiores" da Inglaterra em processo de industrialização (ELIAS, 2000, p. 22, 33).

---

“*doença*” (...) mas também pressupõe que aqueles que infringiram uma regra constituem uma categoria homogênea porque cometeram o mesmo ato *desviante* (...) situando-se, por isso, *fora do círculo* dos membros “*normais*” do grupo. Regras sociais são criação de grupos sociais específicos” (BECKER, 2009, p. 15, 17, 18, 21, 27).

O sociólogo e pesquisador francês Robert Castel descreve outro termo, os *desclassificados*<sup>42</sup>, utilizado pelas perspectivas estudadas, como uma grande massa heterogênea. Castel tornou-se referência ao tratar a questão da pobreza como aspecto da crise da *sociedade salarial*, que termina por provocar o que ele chama de *exclusão social* ou *desfiliação* (*défiliation*). A própria *exclusão social*<sup>43</sup> seria, para Castel, em consequência da *centralidade do trabalho* colocada em xeque, em detrimento de uma “aparente crise da sociedade salarial” (CASTEL, 2008, p. 170).

Na sociologia brasileira, Jessé Souza contribuiu consideravelmente para descrever, o que ele designa como *ralé estrutural*, criada pelo

o abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “*precarizados*” que se reproduz há gerações enquanto tal (...) um conjunto de “indivíduos” carentes ou *perigosos* (...) essa *classe social*, designada de “*ralé estrutural*”, a representação do conflito social e político (...) tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais e que se confunde com o antigo “*lumpemproletariado*”; essa “*classe social*”, nunca percebida até então enquanto “classe”, ou seja, nunca percebida como possuindo uma gênese social e um destino comum, sempre foi (*in*)visível, entre nós, e percebida apenas como “conjuntos de indivíduos”, carentes ou *perigosos* (SOUZA, 2009, p. 21, 25).

Jessé analisa como essa *ralé*, nos dias atuais, sofre com a chamada *violência simbólica*, que tende a ser naturalizada pela extrema

---

<sup>42</sup> Conceito que surge em sua obra *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário* relacionando-os, sensatamente, à questão do *mundo do trabalho*. A *desqualificação* ou *desclassificação* seria o “processo relacionado a fracassos e sucessos da integração” (SAWAIA, 2001, p. 67).

<sup>43</sup> O próprio Castel é um crítico da ideia de *exclusão*, já que para ele, o termo pode representar um risco no momento de qualificar, de forma abrangente, subjetividades sociais e processos em transformação. Por isso, para alguns sociólogos, essa concepção ainda permanece insuficiente, provocando assim, numerosos debates, já que diversos enfoques são ainda complexos e multifacetados.

desigualdade social. Essa *classe social*, segundo ele, não é percebida enquanto *classe*, já que é e sempre foi (in)visível, sendo apenas percebida como um conjunto de indivíduos, carentes ou perigosos (SOUZA, 2009, p. 25).

## 4.2 CRIMINALIZAÇÃO MORAL DO LUMPEMPROLETARIADO

*Que estímulo tem o proletário para não furtar?*  
Friedrich Engels

Para melhor compreender os elementos que foram imputados às conotações dadas em *O Capital*<sup>44</sup>, correlacionamos dentro da perspectiva da criminologia crítica, fundamentos que possibilitarão uma análise sobre alguns destes conceitos.

A *criminologia crítica*<sup>45</sup> é a área que enfoca a existência de múltiplas realidades sociais e culturais onde os conceitos de *marginalidade*, *crime*<sup>46</sup> e demais comportamentos *desviantes*, que são estudados, geralmente sob uma ótica humanista e socialista. No entanto, a teoria criminalista hegemônica atual é assumida pela definição estatal do crime, do controle social, de origem liberal (PLATT *apud* TAYLOR;WALTON;YOUNG, 1980, p. 115).

O grupo social que afasta-se das normativas é um grupo *desviante* (COHEN *apud* HORTON, HUNT, 1981, p. 112).

---

<sup>44</sup> Lembrando os três grupos sociais: *vagabundos, delinquentes e prostitutas*.

<sup>45</sup> A *criminologia crítica* é uma teoria epistemológica de inspiração socialista (marxista e anarquista) que analisa a seletividade dos órgãos de controle social institucionais, em minorias de direitos como *pobres, negros, egressos, desviantes*, etc. A *tradição do conflito*, como também é chamada, argumenta que tais mecanismos de controle são inevitáveis no capitalismo. A vertente criminológica marxista divide concepções diferentes sobre o papel do Estado na instrumentalização do poder. A vertente anarquista é contrária a qualquer sistema hierárquico ou classe dominante institucionalizada, encorajando o estabelecimento de sistemas de justiça social descentralizada e antiestatais. Disponível em: <<http://critcrim.org/>> e <[https://en.wikipedia.org/wiki/Critical\\_criminology](https://en.wikipedia.org/wiki/Critical_criminology)>.

<sup>46</sup> O conceito de *crime*, segundo a definição estatal que consta no artigo de Herman e Julia Schwendinger, em *Criminologia Crítica* (1980), seria o “comportamento que é proibido pelo Estado como uma injúria ao Estado e contra a qual o Estado pode reagir, pelo menos como um último recurso, pela punição” (SCHWENDINGER *apud* TAYLOR;WALTON;YOUNG, 1980, p. 139).

em uma sociedade complexa, pode haver numerosas *subculturas desviantes* cujas normas são condenadas pela *moralidade* convencional da sociedade (HORTON, HUNT *apud* COHEN, 1981, p. 112).

Para o sociólogo criminologista britânico, Jock Young, a visão sobre o *crime e marginalidade*, até a década de 1970, era construída com base na *criminologia ortodoxa*, ou seja, a caracterização da ordem social como esquema consensual e monolítico, considerando os grupos *desviantes* como *inadequados* que estão à margem da sociedade industrial (TAYLOR, WALTON, YOUNG, 1980, p. 02).

As teorias sociológicas mais conhecidas sobre o *crime*, principalmente são àquelas vinculadas ao funcionalismo, como na tese de *anomia social* defendida por Émile Durkheim, sustentando uma *universalidade* à ideia do crime, ou fenômeno que pode ser observado em todas as sociedades. Por outro lado, Durkheim levanta a questão do *desvio* como algo “positivo” para uma sociedade, já que os limites de autoridade do coletivo podem ser transmutados, permitindo mudanças morais e alteração de novas regras, ao evitar uma *anomia social*.

Ainda, segundo Young, para compreender a situação material do *desviante*, do *criminoso* do proletariado, seria necessário estudar a base ideológica da atividade do controle social. Young destaca que para Engels (1845), o proletário pobre,

defrontado com privação econômica, tem quatro alternativas: ele pode, primeiramente, tornar-se tão brutalizado ao ponto de ser, com efeito, uma criatura comandada, “uma coisa tão sem vontade”, cedendo às forças sociais *desorganizantes* que o cercam; ou, em segundo lugar, ele pode aceitar os costumes prevalentes na sociedade capitalista, e entrar em uma guerra de todos contra todos; em terceiro lugar, o proletário pode *furtar* a propriedade do rico; e finalmente, claro, Engels argumentou, o proletário *pode* lutar pelo socialismo (YOUNG, 1980, p. 95).

O sociólogo criminologista estadunidense William Chambliss, um dos pioneiros da *teoria do conflito*, afirma que Marx via no *crime* uma “contribuição para a estabilidade política pela legitimação do



monopólio do Estado sobre a violência, justificando o controle político legal das massas” (CHAMBLISS, 1980, p. 205). Citando Marx,

o crime retira uma parte da população supérflua do mercado de trabalho e assim *reduz* a competição entre os trabalhadores (...) a luta contra o crime absorve outra parcela dessa mesma população (...) O crime, pelos meios sempre renovados de ataque à propriedade, dá origem a métodos sempre renovados de defendê-la e, de imediato, sua influência na produção de máquinas é tão produtiva quanto as greves”<sup>47</sup> (MARX *apud* CHAMBLISS, 1980, p. 205).

Neste sentido, Marx revela uma natureza particular pertencente ao período positivista das ciências sociais, em relação ao *direito* e ao *crime*, que poderíamos chamá-la de *teoria social da ordem*, principalmente na sua ênfase sobre a ordem social. Na busca

pelas leis naturais da sociedade, os cientistas sociais têm favorecido qualquer organização existente que assegure uma sociedade ordeira. Qualquer coisa que ameace a ordem existente, tem sido considerada como uma violação da ordem natural; assim, uma *patologia social* pode ser *erradicada ou punida* (QUINNEY, 1980, p. 225).

Para Chambliss, tanto Marx quanto Durkheim, em suas teorias sobre *crime* e *direito*, ambos eram “funcionais”, quanto aos sujeitos sociais envolvidos, com algumas pequenas diferenças e interpretações (CHAMBLISS, 1980, p. 204).

Em defesa de Marx e Engels, Paul Hirst, ao escrever *O crime, o direito e a política marxista: o lumpemproletariado*, justifica que os pronunciamentos sobre as *classes criminosas* eram geralmente “selvagens”, “duras” e “irrefletidas” e que esses enfoques refletiam os *preconceitos* dos autores alemães; porém, segundo ele, seus argumentos tinham um teor mais *político* do que *pejorativo*. Para Hirst, o principal problema em relação ao lumpemproletariado era a sua política de

---

<sup>47</sup> Nos manuscritos conhecidos como *Teorias da mais-valia* (1905) está o que seria o Livro IV de *O Capital*. Karl Kautsky, após morte de Engels, tratou de lançá-lo no século XX.

alianças, chamando-o de *escória de elementos depravados, pior de todos os aliados, classe parasita,*

vivendo fora do *trabalho produtivo* através do *furto*, da *extorsão*, da *mendicância* ou provando serviços como a *prostituição*, ganham a vida recolhendo migalhas das relações capitalistas de troca, e sob o socialismo eles seriam colocados *fora da lei* ou forçados a trabalhar (ENGELS *apud* HIRST, 1980, 267-268).

Ainda segundo Hirst,

eles são *incapazes de tomar uma posição socialista militante*, caem vítimas de si mesmo (...) como tal, eles representam, no máximo, o *material incidental dos bandos anarquistas*, que rejeitam uma relação *organizada* com o movimento operário (...) A linguagem forte de Marx e Engels e sua forte oposição às *classes criminosas* e ao *submundo*, longe de expressar um moralismo idiossincrático, deriva de um ponto de partida teórico-político definido (HIRST, 1980, p. 268).

Tal defesa de Hirst é duramente criticada por Ian Taylor e Paul Walton, que afirmam ser uma defesa baseada em “hipóteses frágeis” e “estreitas” (TAYLOR, WALTON, 1980, p. 288), que segundo estes autores,

o que muitos teóricos radicais do *desvio*, marxistas e outros [anarquistas], estão tentando fazer é mover a criminologia para fora de um enfoque sobre a “*criminalidade*” do *pobre*, a *patologização* do comportamento *desviante* em categorias derivadas da biologia, da psicologia ou sociologia positivista, e abolir a distinção entre o estudo do desvio humano, de ideologias de classes dominantes, como um todo (...) o marxismo que nós acreditamos, ao contrário da caricatura de Hirst, é um marxismo que estaria preocupado em assumir, e revelar, a natureza ideológica da ciência social (...) Seria necessário

pouca “ciência” e nenhuma imaginação para erigir um estudo de sociedade que considera toda oposição, mesmo *lumpem*, como de algum modo progressista (TAYLOR, WALTON, 1980, p. 288).

O sociólogo criminologista sul-africano Stanley Cohen define *delinquência*, termo utilizado por Marx para definir um grupo social no *lumpemproletariado*, como parte de uma *subcultura* de reação, de conflito, e de rejeição às regras sociais. Tal conflito acontece em face ao processo de *opressão* por parte das classes dominantes, elementos que se transformam em um sistema de crenças e valores, colocados em ação.

O conceito de *delinquência* foi também trabalhado pelo filósofo, filólogo e historiador das ideias francês, Michel Foucault, especificamente em uma de suas obras mais conhecidas, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1975) onde pode-se, de uma maneira mais geral, explorar o conceito:

O *criminoso* aparece então como um ser juridicamente paradoxal. Ele rompeu o pacto, é portanto inimigo da sociedade inteira (...) De um lado, o criminoso designado como inimigo de todos, que têm interesse em perseguir, sai do pacto, *desqualifica-se* como cidadão e surge trazendo em si como que um fragmento selvagem de natureza; aparece como o *celerado*, o *monstro*, o *louco*, o *doente* e logo, o “*anormal*” (...) os *mendigos*, os *vagabundos*, os *violentos* formavam a população real (...) a divisão binária e da marcação: louco/não louco; perigoso/inofensivo; normal/anormal (...) O *delinqüente* se distingue também do infrator pelo fato de não somente ser o autor de seu ato, mas também de estar amarrado a seu delito por um feixe de fios complexos (...) O *delinqüente*, manifestação singular de um fenômeno global de criminalidade, se distribui em classes quase naturais, dotadas cada uma de suas características definidas e a cada uma cabendo um tratamento específico (...) A instituição de uma *delinquência* constitui como que uma ilegalidade fechada e apresenta com efeito um certo número de vantagens. É possível, em primeiro lugar, controlá-la: a agitação imprecisa de uma população que pratica uma ilegalidade de ocasião

que é sempre susceptível de se propagar, ou ainda aqueles bandos incertos de *vagabundos* que são recrutados segundo o itinerário ou as circunstâncias, *desempregados*, *mendigos*, *refratários* e que crescem às vezes até formar forças temíveis de pilhagem e de motim (...) reduzidos a precárias condições de existência (...) essa ilegalidade concentrada, controlada e desarmada é diretamente *útil* (...) A *delinqüência*, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes (...) A *delinqüência* funciona como um *observatório político* (...) Foram usados os processos gerais daquela “*moralização*” das classes pobres que teve aliás importância capital tanto do ponto de vista econômico quanto político (...) Tem por função principalmente mostrar que o delinqüente pertence a um mundo inteiramente diverso, sem relação com a existência cotidiana e familiar (FOUCAULT, 1999, p. 110, 121, 222, 223, 280, 281, 305, 306, 312).

Foucault relaciona ainda, a separação “virtual” do *proletário* do *criminoso*, percebido como uma ruptura entre a *delinqüência* e as “obrigações e deveres” do proletariado, sendo este último, munido das *atribuições morais* impostas à ele pelas classes dominantes (FOUCAULT, 1999, p. 314).

Em relação ao conceito de *marginalidade*, para a professora Maria Célia Paoli, do Departamento de Ciências Sociais da USP, a construção da noção de *marginalidade* possui um vínculo direto com o *trabalho*, sendo o *marginal* “um tipo humano cujo papel é de ‘sobra’, em relação às estruturas fundamentais da sociedade em que se insere - no caso, as *formações capitalistas periféricas*” (PAOLI, 1973, p. 145). A *marginalidade* então, neste sentido, pode ser estabelecida como em oposição ao *centro*, ou seja, o que está *inserido* ou *integrado*.

Por essa *desclassificação* e conotação de *imoralidade*, eles grupos poderiam ser, portanto, “desnecessários economicamente”, pois são “perigos passíveis de serem eliminados” (SAWAIA, 2001, p. 45).

O conceito de *estigma* utilizado por Goffman imputa ao grupo social uma caracterização e uma identidade social carregada pelo *descrédito*, um *defeito*, uma *fraqueza* e uma *desvantagem*, uma *incapacidade* (GOFFMAN, 1988, p. 11). Ainda, o atributo que *estigmatiza* só pode ser percebido na *culpabilização social* inferido a

partir de transtornos patológicos atribuídos a *detentos, viciados em drogas, delinquentes, criminosos, boêmios, prostitutas, ciganos*<sup>48</sup>, *vagabundos, mendigos, homossexuais*, outros grupos *desacreditados, desempregados*, etc. Segundo Goffman, a *teoria do estigma* é construída como uma *ideologia* das classes dominantes que serve para explicar a *inferioridade* e mostrar o *perigo* que tal grupo representa, tal como a de uma classe social (GOFFMAN, 1988, p. 13, 14, 154-155).

Na abordagem de Robert Castel, tais grupos sociais são como *inúteis para o mundo*, os designados *vagabundos* ou o

homem sem trabalho nem bens, um *lumpemproletário*, ligado a um certo tipo de *privação, discriminação* ou *banimento* (...) que não tem onde cair morto (...) um ser de lugar nenhum (CASTEL, 2008, p. 120).

Para Castel, o *vagabundo* seria também aquele que, além de não ter uma profissão ou *emprego assalariado*, não possui moradia fixa, é alvo de *estigmatizações* e responsabilidades atribuídas *moralmente* à sua condição de extremado pauperismo, na figura emblemática do *mendigo*. Segundo o autor, este processo *só se torna concreto* se houver uma forma *coerciva* por parte da *sociedade* e do *Estado*, que visa promover uma *homogeneização* do *assalariado*, para proteger-se da instabilidade social, da *anomia*, e da *moralidade* (CASTEL, 1998, p. 120).

Um olhar mais específico para atender a demanda sobre o conceito de marginalidade, as obras do sociólogo argentino Jose Nun, *Marginalidade e outras questões* e *Sobre o conceito de massa marginal*, são igualmente importantes que ajudam a compreender os estudos sobre esse conceito e como localizar os grupos sociais dentro do processo de exclusão que se torna, segundo ele, *afuncional* ou *disfuncional*, na grande massa e do exército industrial de reserva (NUN, 1972, p. 102).

Por esta moralidade absorvida pela relação do trabalho, que passou de uma perspectiva social e histórica para uma ressignificação

---

<sup>48</sup> O processo histórico da invisibilidade social de povos como os ciganos e curdos, por exemplo, atesta para o fator discriminatório sofrido por estas comunidades estigmatizadas, presentes no imaginário popular, na ideia de sua inferioridade cultural e ameaça à sociedade, baixo a ótica de padrões normativos hegemônicos e eurocêtricos, explicitando a marginalização e sua credibilidade (como sinônimos de “vagabundos” e “ladrões” ainda presentes em dicionários europeus).

*ontológica*, a categoria *trabalho*, que na verdade nasce muito anteriormente à própria História, podemos examinar a sua *relação moral* com os aspectos da religião<sup>49</sup>, por exemplo, na sua relação com a *dignidade* (WEBER, 2007, p.46).

Neste ponto, a questão do *trabalho*, enquanto *categoria ontológica*, o *trabalho* na formação do ser humano, possui uma antiga relação com a *dignidade*, *valores morais* e de *ética*, que permaneceram latentes inclusive no próprio nascimento do socialismo. Assim, podemos encontrar no socialismo utópico, no final da década de 1810, com Saint-Simon escrevendo pela primeira vez o termo *socialismo*. Os precursores do marxismo e do anarquismo, as duas correntes socialistas, por meio de suas ideias, em menor ou maior grau, dispunham de categorias que também qualificaram o *trabalho*, transformando-o numa questão de *regeneração moral* e por vezes, “messiânica”, como na frase:

que a imensa maioria da população possa desfrutar de uma existência moral e física muito mais satisfatória que aquela de que ela desfruta no momento, e que o rico, aumentando o bem-estar do pobre, melhorará sua própria existência (SIMON, 2013, p. 10).

Tal como Jessé aborda sobre a existência de uma *hierarquia moral* para aquilo que é considerado “bom” e aquilo que é considerado “mal”, ou “pecado”:

---

<sup>49</sup> A ideia *moral* de trabalho como expressão da *dignidade* e elevação da virtude é encontrada nos relatos e passagens bíblicas: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas no sétimo dia descansarás” (*Êxodo*: 20:9-11); “(...) cada um deve comer o seu pão *honesto*, com o suor do seu rosto” (*Gênesis*: 3:17:19); “A atitude do *preguiçoso*, que se torna *desonesto*, por não cooperar no trabalho da coisa comum e não prover o seu sustento: esse precisa aprender com a formiga *diligente*” (*Provérbios*: 6:6:11); “Manda-nos, porém, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que *vos aparteis* de todo o irmão que anda *desordenadamente*, e não segundo a tradição que de nós recebeu (...) Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga (...) se alguém *não quiser trabalhar*, não coma também (...) Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra (...) não vos mistureis com ele, para que se envergonhe.” (2 *Tessalonicenses*: 3:6-8-10) (BS, 1995); Ou, nas máximas, “o trabalho *enobrece e dignifica* o homem” (Voltaire); “Reza e trabalha” (São Bento, séc. VI).

A “gênese” da “*hierarquia moral*” que comanda a forma como a *classificação* e a *desclassificação social* são produzidas no capitalismo é importante por conta disso (...) Essa “escolha” cultural, que acarreta uma “*hierarquia moral*” extremamente singular, é contingente e arbitrária (...) Depois, no *protestantismo* em todas as suas variantes, o controle do corpo pela disciplina e pelo autocontrole, como pressuposto do *trabalho produtivo* agradável a Deus, passa a ter caráter sagrado (...) Com a decadência da religião na sociedade moderna e secular, mercado e Estado passam a ser os agentes dessa hierarquia social opaca, inconsciente para os envolvidos, mas que decide, de forma tão mais eficaz quanto menos tenhamos consciência dela, todas as questões às quais associamos *melhor/pior, superior/inferior, cidadão/subcidadão* (SOUZA, 2006, p. 142-143).

Como tal *ralé* seria incapaz, portanto, de atender às demandas de uma sociedade voltada ao *assalariado*, existe pouco ou nenhum lugar para ela aqui (SOUZA, 2009, p. 23). Para atender a esta questão, o sociólogo espanhol Manuel Castells, ao analisar o modelo de sociedade, retorna à ideia de *dominação*, conforme pudemos examinar nos enfoques das perspectivas de *relações periféricas* no Capítulo 2. Para Castells, a *exclusão* não se dá apenas no mercado de trabalho, mas também está presente no modelo de sociedade global, sendo os *párias sociais*, os *elementos da imoralidade*, que neste modelo atual, precisam ser *eliminados*, seja através de processos urbanos de *gentrificação*, mecanismos de *qualificação*, ou por políticas de *higienização*: é o que ele chama de manifestação do “quarto mundo”, a *esfera dos excluídos* (CASTELLS, 1999, p. 35).

Para Elias, o processo de eliminação em função do *desajuste sistêmico*, “nesses casos, os *outsiders*, não têm nenhuma função para os grupos *estabelecidos*: simplesmente estão em seu caminho e, com muita frequência, são *exterminados* ou postos de lado até perecerem” (ELIAS, 2000, p. 31, 33).

Em *The New Criminology*, os sociólogos criminologistas Ian Taylor, Paul Walton e Jock Young, elaboraram uma crítica das *teorias do crime*, do *desvio* e do *controle social*, perspectivas estas que até a década de 1970 eram hegemônicas. Para estes teóricos:

não somente esses processos são de natureza *totalmente social* mas, também, que eles são predominantemente condicionados pelos fatos da *realidade material* (...) nossa crítica formou os elementos para uma política radical do crime. Criticamente, nós afirmaríamos que *é* possível visualizar sociedades livres de qualquer necessidade material para criminalizar o *desvio* (...) Adicionalmente, existem formas de diversidade humana que, sob o capitalismo, são rotuladas e processadas como criminosas mas que não deveriam estar sujeitas ao controle em sociedades que se proclamassem socialistas (TAYLOR, WALTON, YOUNG, 1980, p. 20).

Ainda, segundo os sociólogos criminologistas, na sociologia, para pensar o *desvio*, tornou-se imperativo posicionamentos conservadores em que “a crença fundamental estava dada na *hierarquia* e *dominação* como a base da lei e da ordem” (TAYLOR, WALTON, YOUNG, 1980, p. 22). Mas em relação à criminalização do comportamento *desviante*, todos os sistemas teóricos tendem geralmente e desproporcionalmente, selecionando o “*despossuído*, o *pobre*, o membro de grupo minoritário e, em geral, a classe mais baixa, para punição e controle” (TAYLOR, WALTON, YOUNG, 1980, p. 39)

Tal como Engels classificou anteriormente as “opções” que o proletário pobre poderia assumir ou sucumbir à sua dominação, Young sustenta que não podemos aceitar estudar o crime, dentro do proletariado, como *valor moral*, mas perceber o fenômeno *desviante* dentro de uma perspectiva de *interesses de classe*. Para ele, o proletariado sofre com o crime, “confrontam diariamente a experiência do desespero material, suportam as ruínas da desorganização e do individualismo competitivo” (YOUNG, 1980, p. 96).

Na *criminologia anarquista*<sup>50</sup>, todo *desvio* é construído socialmente, aparelhado e mantido, através de mecanismos de dominação:

uma tal cultura contém e reproduz o conhecimento da desumanidade do desemprego, o duro *estigma* da prisão ( e suas consequências

---

<sup>50</sup> Jock Young cita os artigos do jornal libertário britânico *Solidarity*, panfleto nº 33 de 1969.



sociais *reais* - em termos de possibilidades de emprego e isolamento pessoal), e está familiarizada com a pobreza e desespero do *lumpemproletariado* (YOUNG, 1980, p. 101).

No mesmo sentido, Quinney sustenta que o “crime existe *por causa* da construção social e da aplicação do *rótulo de crime* (...) similarmente, o direito criminal não é autônomo em relação à sociedade, mas é, ele mesmo, uma *construção* criada por aqueles que estão em posições de poder (...) a nova classe dominante criou o Estado como um meio para coagir o resto da população dentro da submissão econômica e política” (QUINNEY, 1980, p. 227, 243).

#### 4.3 O LUMPENPROLETARIADO COMO *NOVO SUJEITO POLÍTICO*

Como vimos a definição do próprio léxico português, o verbete que designa o termo *lumpemproletariado* é para aquele que “vive na *miséria extrema* e não tem *consciência* de classe” (CASTELEIRO, 2001, p. 2308) e no outro léxico encontrado, ele seria constituído por um grupo social de *trabalhadores marginais, sem profissão regular e destituídos de consciência política*” (BORBA, 2002, p. 974).

A perspectiva marxista de *lumpemproletariado* se insere, como vimos, na concepção estratégica da luta de classes, cuja expectativa de transformação social está posta em *uma parte específica* do proletariado: o *proletariado industrial, urbano e trabalhador assalariado*, reiterando-o como *sujeito revolucionário* e parte do *exército de reserva*, a chamada *esfera do pauperismo* (MARX, ENGELS, 1998, p. 66).

Para o marxismo clássico, *incluindo* a última definição de *lumpemproletariado* contida em *O Capital* - a constituição feita por *ladrões, delinquentes e prostitutas* -, a capacidade política representada nesse estrato social figura como um estado passivo à reação, por serem uma classe “politicamente *não confiável*” (POPPER, 1974. p. 355), “*ausente* de articulação política e de consciência de classe” (MARX, 1974a, p. 402, 403), “*vulnerável* em relação à sua capacidade política” (TROTSKY *apud* MIA, 2017), “*incapazes* de implementar uma luta política *organizada*” (TGSE, 2017), e por último, que “não podem desempenhar tal *papel social e político* importante frente ao capitalismo” (BOTTOMORE, 2013, p. 354).

Diferentemente do *lumpemproletariado*, que mediante sua *condição imoral* em relação à própria existência, caracterizada pela extrema pobreza, o *proletariado assalariado*, na escala da história universal, concretizaria-se na prática pela harmonização de sua *essência revolucionária* (MARX, ENGELS, 2001, p. 33), sendo “a *única força social* capaz de *transcender* o capitalismo” (LINDEN, 2013, p. 87). As demais classes intermediárias seriam, pelo andar *progressivo* da história, desaparecidas por não desempenharem um *protagonismo* relevante (LINDEN, 2013, p. 90).

Para Tom Bottomore, um dos principais significados para o conceito de *lumpemproletariado* não está apenas nas referências a um grupo ou extrato social específico, mas pelo fato de *não poderem desempenhar tal papel social e político*, importante frente ao capitalismo (BOTTOMORE, 2013, p. 354).

Segundo Norte, Bakunin escreve que apenas

o aumento quantitativo deste numérico proletariado não lhe dá uma *consciência política* automática. Esta *capacidade política* só é adquirida pela *prática política* em suas lutas cotidianas e pela experiência geral da classe (NORTE, 1988, p. 86).

Para Linden, este pode ser um entendimento-chave que traz a discussão ao interpretar como “categórica” a chamada *transferência de poder*, mediante capacidade e virtude. Nesta perspectiva, o *lumpemproletariado* não representava apenas uma *categoria política*, mas também, e antes de tudo, uma *categoria moral*, como poderemos aferir no argumento de Michael Schwartz na sua obra *Proletário e Lumpen: origens socialistas do pensamento eugênico* (1994), a qual afirma que no início do século XX, a própria existência de um *lumpemproletariado* acabaria se convertendo em alicerce para alguns socialistas chamados *eugênicos* (LINDEN, 2013, p. 94).

A contribuição do sociólogo inglês Nicholas Thoburn, que explica sobre a *integração* e a *organização* de todos os setores marginalizados do proletariado eram, para Bakunin, a verdadeira “força destrutiva” do sistema capitalista. Ou seja, o “arquétipo revolucionário” seria encontrado tanto nas massas camponesas quanto nos

jovens *desempregados*, *marginais* variados de todas as classes, *bandoleiros*, *ladrões*, as *massas*

*empobrecidas*, e aqueles à margem da sociedade que eram excluídas, ou melhor, por ainda não terem se submetido à disciplina do trabalho industrial emergente. Em suma, *todos aqueles* a quem Marx procurou incluir nas categorias do *lumpemproletariado* (THOBURN, 2002, p. 434-460).

Seguindo essa mesma linha, podemos encontrar nas abordagens decoloniais de Frantz Fanon<sup>51</sup> essa similaridade, por exemplo. Em *Os Condenados da Terra*, o autor martinicano define o conceito de *massa* ao se aproximar do conceito de *povo* utilizado na teoria bakuniniana, quando diz que

é nesse *povo das favelas*, no seio do *lumpemproletariado* que a insurreição vai encontrar sua ponta de lança urbana. O *lumpemproletariado*, essa corte de *famintos destribalizados, desclanizados*, constitui uma das forças mais espontaneamente e mais *radicalmente revolucionárias* de um povo colonizado (FANON, 1968, p. 81-88).

É na década de 70 que as atividades do coletivo sul asiático “Grupo de Estudos Subalternos”, que entre seus fundadores, está o dissidente marxista indiano Ranajit Guha e Gayatri Chakrabarty Spivak, perceberam uma grande *possibilidade revolucionária* no *lumpemproletariado* enquanto *força motriz* nas lutas sociais<sup>52</sup>.

A teoria das *áreas periféricas*, pode-se dizer que precedeu e deu origem, direta ou indiretamente, às teorias do *desenvolvimento* e do *subdesenvolvimento*, atribuídas a A. Gunder Frank, R. Stavenhagen e

---

<sup>51</sup> Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra, filósofo e revolucionário da colônia francesa de Martinica e que escreveu obras influentes nos campos de estudos decoloniais, teoria crítica e marxismo. Esteve envolvido na luta pela independência de países considerados *periféricos* ao *centro*, defendendo a ideia de que esses movimentos sociais e políticos dos *países periféricos* não poderiam privar a *capacidade política* de emancipação do *lumpemproletariado*. E ainda, a educação dessa população de *despossuídos* deveria ser central para a estratégia revolucionária (FANON, 1968, p. 81-88).

<sup>52</sup> Além de Partha Chatterjee e Dipesh Chakrabarty.

outros<sup>53</sup>. Segundo esta teoria, todo grupo social (culturas e sociedades) que não se adequam ou são estranhas ao *centro*, serão vistas como *distantes* e, em algumas vezes, impossíveis de serem integradas ou incorporadas ao *centro*. Como exemplo, Jong cita grupos e subgrupos como

ameaçados em sua existência econômica e social pelo progresso do *centro* e que ainda lutam por sua independência (...) o *lumpemproletariado*, vítima da revolução industrial; o *exército permanente de pessoas desempregadas* (...) Grupos *marginais* e *subculturas* que não desempenham um papel econômico ativo dentro do *centro* (...) (JONG, 2008, p. 35-36-37)

Da mesma forma, também poderíamos aproximar o conceito de *subalterno*<sup>54</sup>, atribuído e definido pelo italiano marxista e filósofo Antonio Gramsci (1891-1937), no desenvolvimento da teoria de *centro-periferia*. Seguindo nesta linha, a teórica indiana Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?* (1985), propõe uma severa crítica e reflexão discursiva sobre a não legitimidade do sujeito subalterno em relação ao próprio intelectual pós-colonial, que se colocaria em seu lugar, numa perspectiva ainda relacionada ao *centro*,

as ciências sociais modernas criaram um *imaginário* sobre o mundo social do 'subalterno', o *oriental*, o *negro*, o *índio*, o *camponês*, que não somente serviu para legitimar o poder imperial no nível econômico e político, mas também contribuiu para criar os paradigmas epistemológicos dessas ciências e gerar as identidades (pessoais e coletivas) dos colonizadores e colonizados (SPIVAK *apud* CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 20).

---

<sup>53</sup> Podemos igualmente conferir a formação destas teorias nos estudos de John Friedman em *Princípios Fundamentais da Teoria Centro-Periferia*, Samir Amin em *O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico*, Immanuel Wallerstein em *O Sistema do Mundo Moderno*, entre outros.

<sup>54</sup> O conceito é trabalhado com enfoque sobre a desagregação de grupos ou classes que se contrapõem à dominação ideológica e econômica das classes dominantes.

O pantera negra e filósofo Huey P. Newton afirmava que o grupo social mais apto a possuir *capacidade política de ação revolucionária* seria precisamente o *lumpemproletariado*.<sup>55</sup> Para Newton, a sociedade complexa moderna teria mudado de tal forma, em relação à época em que Marx teria escrito determinadas refutações, que a capacidade de organização do *lumpemproletariado* com fins revolucionários<sup>56</sup> alteraria seu sentido.

O geógrafo e autonomista Marcelo Lopes de Souza lança uma provocação, perguntando se: “o *proletariado*, terminando de ser largamente cooptado pelo sistema capitalista, nos restaria, então, depositar esperanças no *lumpemproletariado*?” O próprio autor responde à sua pergunta explicando sobre a necessidade de rever certos conceitos considerados como tradicionais e estanques, para podermos trabalhar com novas esferas e categorias sociais (SOUZA, 2014).

No momento presente, os *novos e potenciais sujeitos revolucionários*, movimentos sociais contemporâneos, tais como por exemplo, a organização dos *sem-terra, sem-teto, desempregados, catadores de material reciclável, indígenas, camponeses, pequenos produtores*, entre outros, poderiam enquadrar-se dentro das classificações atribuídas, como *lumpemproletariado*, no qual é possível destacar a sua *capacidade* de organização e, especificamente nestes casos, com objetivos de transformação social (JONG, 2008, p. 30).

Nestas relações de *centro-periferia*, a contradição clássica entre *burguesia e proletariado*, de acordo com o cientista político Felipe Corrêa, são conceitos que não dão mais conta, em função das múltiplas relações de dominação presentes:

No entanto, é um fato que estes sujeitos despontam como atores importantes e fundamentais nos movimentos sociais e nas lutas de nosso tempo. Juntamente com trabalhadores e estudantes, podem constituir hoje esta importante aliança de classe em torno do projeto revolucionário (CORRÊA, 2009, p. 16).

---

<sup>55</sup> Discurso proferido por Huey P. Newton, em 1970, na faculdade de Boston ao delinear uma nova direção ideológica para o Partido dos Panteras Negras, o *Intercomunalismo Revolucionário*. Disponível em: <<https://libcom.org/library/huey-newton-introduces-revolutionary-intercommunalism-boston-college-november-18-1970>>.

<sup>56</sup> O Partido dos Panteras Negras procurou organizar temporariamente *desempregados e mendigos*, como “*potenciais revolucionários*”.



## 5. CONCLUSÃO

Vimos que o termo *lumpemproletariado* assumiu, dentro de um contexto histórico e social, a categorização de certos grupos sociais, e que o mesmo teria sido cunhado por Karl Marx. No *Manifesto* e n' *O Capital*, está presente o conceito de *exército industrial de reserva*, um panorama que aponta para a composição da classe proletária e do grande contingente de *desempregados* e *destituídos* que mantém a superpopulação relativa, como a *esfera do pauperismo*. Pode-se colocar ainda, da seguinte forma: o *lumpemproletariado*, antes de *O Capital* e depois de *O Capital*. De fato, apenas *bandidos*, *delinquentes* e *prostitutas* permaneceram como *lumpemproletariado*, na chamada *classe perigosa*. Podemos igualmente questionar se uma última definição sobre o *lumpemproletariado* poderia encerrar-se, transformar-se como “concluída” ou não, enquanto *conceito*, ao analisar a realidade de tais grupos.

No entanto, o *lumpemproletariado*, apresentado e definido na *Ideologia Alemã*, *As lutas de classes na França*, *O Dezoito de Brumário* e n' *O Capital*, caracteriza uma construção na categorização de grupos sociais marginais ao proletariado, que se observa no enfoque de atributos *morais*, composição de *caráter* e *credibilidade*. Mais do que isso, além de somarem-se às atribuições dadas sob aspecto *moral*, percebeu-se uma espécie de “pano de fundo” em relação à sua (in)consciência de classe política. Como afirma Nicholas Thoburn, o lugar de diferenciação que Marx e Engels utilizam em suas metanarrativas para definir o *lumpemproletariado* e o *proletariado*, estão longe de serem apenas um simples conjunto de indivíduos de classe. Isto é percebido pela ênfase dedicada à existência do novo proletariado urbano e industrial, a classe assalariada, que seria em “essência”, o que o torna historicamente revolucionário. O mesmo organizador e introdutor de *O Manifesto do Partido Comunista*, Marco Aurélio Nogueira, destaca que a ideia do *privilégio da classe assalariada* se dá em relação às demais categorias, entre elas o *lumpemproletariado*.

Neste sentido, a linha de concepção estratégica na luta de classes, proposta pelo marxismo clássico para a transformação social, foi incorporada em apenas uma parte específica: o proletariado industrial/urbano/ assalariado e a base da *esfera do pauperismo*, na figura do *sujeito revolucionário*. Essa ideia do *lumpemproletariado* como “politicamente não confiável” e da sua incapacidade de implementar uma luta política organizada frente ao modelo capitalista,

transita no entendimento-chave sobre a chamada *transferência de poder*, e na *centralidade* em relação às áreas periféricas.

Foi destacado que na perspectiva anarquista ou periférica, na ideia de *grupo* e *subgrupo*, permanece uma relação tensionada entre *dominação* e *submissão*, seja do *centro* em relação à *área periférica* ou de uma classe sobre outra. Jong sintetiza que a teoria de dominação de Bakunin identifica, nas classes dominadas e exploradas, as novas possibilidades para uma confluência de *todo* o movimento dos setores *excluídos*. Este debate teórico sobre o conceito de *lumpemproletariado*, desvela uma multiplicidade de abordagens que *convergem* e *divergem*, tanto sobre a questão da pobreza e suas diversas categorizações sociológicas; da organização dos setores marginalizados do proletariado e da possibilidade revolucionária ou não desses setores.

Reiterando a ideia de reexaminar, no momento atual, determinados conceitos e novas esferas de categorias sociais, as recentes representações desses sujeitos potenciais - muitos deles inseridos nos movimentos sociais contemporâneos -, os distanciamentos existentes entre as abordagens não dariam mais conta das concepções materiais que se identificam hoje. O próprio marxismo heterodoxo analisa que o processo histórico do pensamento marxista clássico, encaminhou-se para um tipo de estratégia teórica que foram posteriormente assumidos como “uma visão total do mundo”, a partir da Segunda Internacional (1889). Na perspectiva decolonialista, a partir da análise de autores como Walter D. Mignolo, em relação ao processo civilizatório, há uma crítica a esse monolitismo ortodoxo, na tentativa presente de “enquadrar” definitivamente uma epistemologia do saber, e que gera, conseqüentemente, uma “colonialidade do poder”. Mas, por outro lado, como vimos, o próprio pensamento marxista sofreu mudanças e “ajustes” com o passar dos anos, mesmo em relação ao conceito de *lumpemproletariado* e do *lumpesinato*.

Assim, percebe-se que o conceito de *lumpemproletariado* tem girado em torno de distintas linhas epistemológicas e ideológicas e, neste sentido, o presente trabalho traz para o campo da sociologia política, estas questões e desdobramentos que podem continuar a serem analisados, através de suas continuidades e discontinuidades que o conceito sofreu ao longo dos processos históricos.



## 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Ed. Martins Fontes. São Paulo/SP. **2000**.

AURELIO. *Dicionário Aurélio Online de Português*. **2017**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/proletario>>. Acesso em: 25/07/2017

AVRICH, Paul. *Russian Anarchists and the Civil War*. **2017**. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/12/paul-avrich-russian-anarchists-and-the-civil-war.pdf>>. Acesso em: 25/09/2017

BAKUNIN, Mikhail. *The Reaction in Germany: From the Notebooks of a Frenchman*. Bakunin on Anarchy; Outubro de 1842. In: MIA. **1971**. Traduzido pelo autor. Disponível em: <<https://www.marxists.org/reference/archive/bakunin/works/1842/reacti-on-germany.htm>>. Acesso em: 25/09/2017.

\_\_\_\_\_. *On Marx and Marxism. Writings of the left*. Selected Writings. Edited and Introduced by Arthur Lehning. Editor Archives Bakounine, International Institute of Social History, Amsterdam. General Editor: Ralph Miliband. Translations from the Russian by Olive Stevens e Jonathan Cape. Londres. **1973**. Traduzido pelo autor. Disponível em: <<https://libcom.org/files/Michael%20Bakunin%20-%20Selected%20Writings.pdf>>. Acesso em: 25/09/2017.

\_\_\_\_\_. *Estatismo y Anarquía: Obras de Bakunin*. Vol 5. Ed. Júcar. Traduzido pelo autor. Madrid/Espanha. **1976**.

\_\_\_\_\_. *Escritos contra Marx*. Fragmento de *O Império Knuto-Germânico*. Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (NU-SOL). Tradução Plínio Augusto Coelho. Ed. Imaginário. São Paulo/SP. **2001**.

\_\_\_\_\_. *Os Enganadores: a política da Internacional, aonde ir e o que fazer*. Ed. Faisca e Ed. Imaginário. São Paulo/SP. **2008a**.

\_\_\_\_\_. *O Princípio do Estado e Outros Ensaios*. Ed. Hedra. São Paulo/SP. **2008b**.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro/RJ. **2009**.

BERNERI, Camillo. *Lo Stato e le classi: Guerra di Classe. Discorso in morte di Antonio Gramsci. Reconstruido y publicado* por P.C. Masini, A. Sorti. ob. cit. *L'operaiolatria*, ob. cit *Contra la obrerolatría y el mito obrerista*. Petrogrado. 1917. In: D'ERRICO, Stefano. *Anarquismo y Política: El "programa mínimo" de los libertarios del Tercer Milenio*. Releitura antológica e biográfica de Camillo Berneri. Traducido por Pilar García Colmenarejo. Barcelona/Espanha. **1936**. Disponível em: <<https://salirdelghetto.files.wordpress.com/2014/09/anarquismo-y-polc3adtica-el-programa-mc3adnimo-de-los-anarquistas-berneri.pdf>>. Acesso em: 27/09/2017.

BETTERIDGE, Harold T. *Cassell's German-English Dictionary Wörterbuch*. Cassel & Co Ltd. New York/EUA. **1978**.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. Ed. Ática. São Paulo/SP. **2002**.

BOTTOMORE, Thomas B. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Ed. Zahar. São Paulo/SP. **2013**.

BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves. *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. WMF Martins Fontes. 1ª ed. São Paulo/SP. **2005**.

BRASS, Tom. *Labour Markets, Identities, Controversies: Reviews and Essays, 1982-2016*. Leiden: Brill. Ed. Brill. Londres/Inglaterra. **2017**.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. Título Original: *Philosophisches Wörterbuch*. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. Editora EPU Pedagógica e Universitária. São Paulo/SP. **1987**.

CAPPELLETTI, Angel J. *La Ideologia Anarquista*. Colección Trópicos 6. Ed. Alfadil. Caracas/Barcelona/Espanha. **1985**.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. 7ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ. **2008**.

CASTELLS, Manuel. *Era de Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Ed. Paz e Terra. São Paulo/SP. **1999**.

CASTELEIRO, João Malaca (org). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Editorial Verbo. Lisboa/Portugal. **2001**.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da 'invenção do outro'*. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Clacso. Buenos Aires/Argentina. **2005**.

\_\_\_\_\_ In: GROSGOUEL, Ramón. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 80. **2008**.

\_\_\_\_\_ In: MIGNOLO, Walter. *Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina*. Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. Ed. Miguel Ángel Porrúa. Ciudad de Mexico/México. **1998**.

CHINOY, Ely. *Sociedade, uma Introdução à Sociologia*. Editora Cultrix. São Paulo/SP. **1993**.

CODES, Ana Luiza Machado de. *A Trajetória do Pensamento Científico sobre Pobreza: em direção a uma visão complexa*. IPEA. Brasília/DF. **2008**. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1332.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1332.pdf)>. Acesso em 20/09/2017.

\_\_\_\_\_ In: SALAMA, Pierre; DESTREMAU, Blandine. *O tamanho da pobreza: economia política da distribuição de renda*. Ed. Garamond. Petrópolis/RJ. **2001**.

\_\_\_\_\_ In: PAUGAM Serge. *Poverty and Social Disqualification. A Comparative Analysis of Cumulative Social Disadvantage in Europe*. Journal of European Social Policy. **1996**.

CORRÊA, Felipe. *A Lógica do Estado em Bakunin*. ITHA, **2014**. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2014/05/felipe-corr3aaa-a-lc3b3gica-do-estado-em-bakunin.pdf>>. Acesso em: 17/09/2018>.

\_\_\_\_\_ *Da Periferia para o Centro: Sujeito Revolucionário e Transformação Social*. Ed. Faísca. São Paulo/SP. **2009**.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Coleção Trans. 2ª edição. Ed. 34. Rio de Janeiro/RJ. **2004**. Disponível em: <<https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2014/03/deleuze-gilles-guattari-fecc81lix-o-que-ecc81-a-filosofia.pdf>>. Acesso em: 13/10/2017.

DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidad y eurocentrismo*. In: LANDER, Edgardo (coord.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas*. Clacso. Buenos Aires/Argentina. **2000**. Disponível em: <<http://www.ifil.org/dussel/textos/c/1993-236a.pdf>>. Acesso em: 15/10/2017.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro/RJ. **2000**.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Coleção Perspectivas do Homem. Volume 42. Série Política. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro/RJ. **1968**.

FERNÁNDEZ, Frank. *1865-2001: Cuban Anarchism: The history of a movement*. Chapter 3: Constitution and Revolution (1934-1958); Chapter 4: Castroism and Confrontation (1959-1961). Disponível em: <<http://libcom.org/library/cuban-anarchism-3>>. Acesso em: 14/10/2018.  
\_\_\_\_\_. *Cuba: The anarchists and liberty: a pamphlet written in 1987*. Disponível em: <<http://libcom.org/library/cuban-anarchism-4>>. Acesso em: 14/10/2018.

FGV. *Dicionário de Ciências Sociais*. Benedicto Silva (Coord.). Instituto de Documentação. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro/RJ. **1986**.

FLAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Ed. UnB. Brasília/DF. **2001**.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ. **1999**.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação*. Parte um: Deleuze e a filosofia. **1997**. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze\\_e\\_a\\_educacao\\_parte\\_um.pdf](http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf)>. Acesso em: 14/10/2017.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Ed. Guanabara. Rio de Janeiro/RJ. **1988**.

GUIMARÃES, Alberto P. *Classes perigosas: banditismo urbano e rural*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro/RJ. **2008**.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel González de. *Sobre a evolução do conceito de campesinato*. Tradução: Ênio Guterres e Horacio Martins de Carvalho. 3ª edição. Ed. Expressão Popular. São Paulo/SP. **2005**.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução: Marcos Santarrita. 2º edição. Ed. Cia das Letras. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Eric%20Hobsbawm-1.pdf>>. Acesso em: 15/10/2017.

\_\_\_\_\_. *Bandidos*. Tradução de: Donaldson Magalhães. Ed. Forense-Universitária. Rio de Janeiro/RJ. **1976**.

HORTON, HUNT; Paul B, Chester L. *Sociologia*. Ed. McGraw-Hill. São Paulo/SP. **1981**.

\_\_\_\_\_. BLAUNER, Robert. *Alienation and Freedom: the factory worker and his industry*. Ed. University of Chicago Press. Chicago/EUA. **1964**

IT (ISTITUTO TRECCANI). *Enciclopedia italiana on line*. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/proletariato/>>. Acesso em: 26/07/2017.

JONG, Rudolf de. *A Concepção Libertária da Transformação Social Revolucionária*. Ed. Faísca. São Paulo/SP. **2008**.

KAUTSKY, Karl. *A Questão Agrária*. Primeira Parte: “A evolução da agricultura na sociedade capitalista. I - Introdução”. Tradução de C. Iperoig. Ed. Proposta Editorial. São Paulo/SP. **1980**.

KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. [Dicionário Etimológico da Língua Alemã]. *Stichwort: Lumpen*. [Palavra-chave: “*trapos*”]. 24ª edição revisada e ampliada por Elmar Seebold. Ed. Walter de Gruyter. Berlin/New York. **2001**. Disponível em:

<<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=idn%3D965096742>>. Acesso em: 12/09/2018

\_\_\_\_\_ *In: Wortschartz*. Uni Leipzig: Wortschatz -Lexikon: *Lumpen* Disponível em:

<<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=idn%3D965096742>> e <[http://wortschatz.uni-leipzig.de/cgi-bin/wort\\_www.exe?site=1&Wort=Lumpen](http://wortschatz.uni-leipzig.de/cgi-bin/wort_www.exe?site=1&Wort=Lumpen)>. Acesso em: 12/09/2018.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos*. Estudos Históricos. Vol. 5, nº 10. Palestra transcrita, traduzida e editada por Manoel Luis Salgado Guimarães. Rio de Janeiro/RJ. **1992**

\_\_\_\_\_ *Uma resposta aos comentários sobre o Geschichtliche Grundbegriffe*. *In: JASMIN, Marcelo; FERES JUNIOR, João. História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro. Ed. PUC-RJ/IUPERJ e Ed. Loyola. Rio de Janeiro/RJ. **2006**.

KOWARICK, Lúcio. *As lutas sociais e a cidade*. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro/RJ. **1994**.

GANS, Herbert J. *Positive functions of the undeserving poor: uses of the underclass in America*. Politics & Society. *In: KOWARICK, Lúcio. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 18, nº 51. Fevereiro/**2003**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15986.pdf>>. Acesso em: 12/10/2017.

LINDEN, Marcel van der. *Proletariado: conceito e polêmicas*. International Institute for Social History. nº 21. Amsterdam/Holanda. Outubro/**2013**.

\_\_\_\_\_ *In: SCHWARTZ, Michael. Proletarier” und “Lumpen”: Sozialistische Ursprünge eugenischen Denkens*. Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte. Disponível em: <<https://www.ifz->

muenchen.de/heftarchiv/1994\_4\_2\_schwartz.pdf>. Acesso em 14/09/2017.

\_\_\_\_\_. In: CASSAGNAC, Granier de. *Histoire des classes ouvrières et des classes bourgeoises*. 1838. Paris.

LÓPEZ, Fábio López. *Poder e Domínio: uma visão anarquista*. Ed. Achiamé. Rio de Janeiro/RJ. **2001**.

LORENZO, Anselmo. *El pueblo*. CNT Metal Madrid. Ed. F. Sempere y Compañía Editores. Valencia/Espanha. **2017**.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Ed. Abril Cultural. São Paulo/SP. **1974a**.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. Volume 1. Parte III. Capítulo VII. *Processo de Trabalho e Processo de Produção de mais-valia*. 1ª Edição: 1867. 1ª Edição em Português. Ed. Centelha, Promoção do Livro. SARL. Tradução de: J. Teixeira Martins e Vital Moreira. Coimbra/Portugal. **1974b**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/voll1cap07.htm>>. Acesso em: 15/10/2017.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. Capítulo XIII, Livro I. Seção IV. *Os Economistas: Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital*; Capítulo XXIII, *A Lei Geral da Acumulação Capitalista*. 4. *Diferentes formas de existência da superpopulação relativa. A lei geral da acumulação capitalista*. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Ed. Nova Cultural Ltda. São Paulo/SP. **1996**.

\_\_\_\_\_. *As Lutas de Classes em França de 1848 a 1850*. Ed. Neue Rheinische Zeitung. Politisch-ökonomische Revue, nº 1-6 de 1850. Tradução de Álvaro Pina e Fernando Silvestre. Ed. Avante! Lisboa/Portugal. **1997**.

MARX, ENGELS; Karl, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 8ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ. **1998**.

\_\_\_\_\_. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. 3ª edição. Ed. Centauro. São Paulo/SP. **2000a**.

\_\_\_\_\_. *A contribution to the critique of Hegel's Philosophy of Right: Introduction*. In: *Marx & Engels Collected Works*. vol. 3. Ed. Oxford University Press. 1970. Tradução: Joseph O'Malley.

Transcrição: Andy Blunden. Publicado em **2000b**. Disponível em: <[https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/Marx\\_Critique\\_of\\_Hegels\\_Philosophy\\_of\\_Right.pdf](https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/Marx_Critique_of_Hegels_Philosophy_of_Right.pdf)>. Acesso em: 12/10/2017. Tradução do autor.

\_\_\_\_\_ *A Ideologia alemã*. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. Ed. Martins Fontes. São Paulo/SP. **2001**.

\_\_\_\_\_ *A Ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. Ed. Boitempo. São Paulo/SP. **2007**.

\_\_\_\_\_ *As lutas de classes na França*. In: *Sobre As lutas de classes na França*. Caio Navarro de Toledo. 1ª edição. Ed. Boitempo. São Paulo/SP. **2012**.

MIA (The Marxists Internet Archive). *Encyclopedia of Marxism: Glossary of Terms*. [*Lumpenproletariat*]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/terms/l/u.htm#lumpenproletariat>>. Traduzido do inglês pelo autor em 17/05/2017.

\_\_\_\_\_ *Lumpenproletariat*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/terms/l/u.htm#lumpenproletariat>>. Publicado em **2008**. Acesso em: 17/05/2017

MAO, Tse Tung. *Analysis of the Classes in Chinese Society*. March 1926. Selected Works of Mao Tse-Tung. Maoist Documentation Project. **2004**. Disponível em: <[https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-1/mswv1\\_1.htm](https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-1/mswv1_1.htm)>. Acesso em: 17/05/2017.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Ed. Melhoramentos. São Paulo/SP. **2017**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YkAW5>>. Acesso em: 25/07/2017.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. In: Introdução de *O Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 8ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ. **1998**.

NORTE, Sergio Augusto. *Mikhail Bakunin: sangue, suor e barricadas*. Ed. Papyrus. São Paulo/SP. **1988**.



NUN, José. *Marginalidad y otras cuestiones*. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, nº 4. **1972**. Disponível em: <<https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lavboratorio/article/view/101>>. Acesso em: 17/10/2018.

PAOLI, Maria Célia. *Desenvolvimento e marginalidade: um estudo de caso*. Revista Administração de Empresas. Vol. 13. Nº 3. São Paulo/SP. **1973**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901973000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901973000300009)>. Acesso em: 15/10/2018.

POPPER, Karl. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Vol. 2. 8ª edição. Ed. USP-Itatiaia Ltda. Belo Horizonte/MG. **1974**.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. **2013**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/prolet%C3%A1rio>>. Acesso em: 26/07/2017.

PROUDHON, J. Pierre. *La capacidad política de la clase obrera*. Capítulo I. Revista de Estudios Libertarios. Nº 7. Ed. Germinal. Madrid/Espanha. **2009**

SAGRADA, Bíblia. Ed. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo **1995**.

SAWAIA, Bader (org). *As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*. 2ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ. **2001**.

\_\_\_\_\_ *In: TELLES, Vera. A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas*. São Paulo em Perspectiva. São Paulo/SP. **1990**.

\_\_\_\_\_ *In: OLIVEIRA, Francisco. Vanguarda do atraso e atraso da vanguarda: globalização e neoliberalismo na América Latina*. Texto preparado para a conferência magistral no XXI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia. ALAS. São Paulo/SP. **1997**.

SCOTT, James C. *Formas cotidianas da resistência camponesa*. Vol. 21. Nº 01. Tradução: Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. Ed. Raízes. **2002**.

SEOANE, Javier B. *Marcuse y los sujetos: el proletariado, sujeto-objeto de la emancipacion*. Ed. Universidad Catolica Andres. Caracas/Venezuela. **2001**.

SIMON, Saint. *O Novo Cristianismo*. Tradução: Cacildo Marques. São Paulo. **2013**. Disponível em: <<https://edoc.site/novo-cristianismo-saint-simon-pdf-free.html>>. Acesso em: 12/10/2018.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo/SP. **1999**

SKIRDA, Alexandre. *Facing the Enemy: A History of Anarchist Organization from Proudhon to May 1968*". The Blackwell Dictionary of Modern Social Thought, 2ª edição. Ed. AK Press/Blackwell Publishing. **2002**.

SOUZA, Jessé. *Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Ed. UFMG. Belo Horizonte/MG. **2009**.

\_\_\_\_\_(org.) *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Revista Humanitas. Ed. UFMG. In: *É preciso teoria para compreender o Brasil contemporâneo? Uma crítica a Luis Eduardo Soares*. **2006**. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=492>>. Acesso em: 12/10/2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *A Internacional: Territórios dissidentes, práticas insurgentes e as contradições do 'hiperpreariado' (1ª parte)*. Passa Palavra. **2014**. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2014/04/94172/>> Acesso em: 18/10/2018.

STEPHENSON, Svetlana. *Crossing the Line: Vagrancy, Homelessness and Social Displacement in Russia*. **2017**. Ed. Ashgate. Disponível em: <[https://www.feantsaresearch.org/download/ejh\\_vol1\\_review17029069980227224701.pdf](https://www.feantsaresearch.org/download/ejh_vol1_review17029069980227224701.pdf)> Acesso em: 12/10/2018.

STIRNER, Max. *El Único y su Propiedad*. Wigand, Leipzig. 1845. Tradução do alemão: Pedro González Blanco e Juan Pablos. Ed. S.A. México/Libros de Anarres. Buenos Aires/Argentina. 1976. Edição e reprodução para Internet por: Instituto de Estudios Anarquistas. Santiago. Chile. **2005**. Disponível em: <<http://www.institutoanarquista.cl>>. Acesso em: 15/10/2017.

TAYLOR, Ian; WALTON, Paul; YOUNG, Jock (org.). *Criminologia crítica*. Tradução de Juarez Cirino dos Santos e Sérgio Tancredo. Ed. Graal. Rio de Janeiro/RJ. **1980**.

\_\_\_\_\_ YOUNG, Jock. *In: Criminologia da classe trabalhadora*.

\_\_\_\_\_ PLATT, Tonny. *In: Perspectivas para uma criminologia radical nos EUA*. 1973.

\_\_\_\_\_ SCHWENDINGER, Herman e Julia. *In: Defensores da ordem ou guardiões dos direitos humanos?*

\_\_\_\_\_ CHAMBLISS, William J. *A economia política do crime*.

\_\_\_\_\_ QUINNEY, Richard. *O controle do crime na sociedade capitalista: uma filosofia crítica da ordem legal*.

\_\_\_\_\_ HIRST, Paul. *Marx e Engels: sobre direito, crime e moralidade*.

\_\_\_\_\_ TAYLOR, WALTON; Ian, Paul. *Teoria radical do desvio e marxismo: uma réplica ao 'Marx e Engels - sobre direito, crime, e moralidade' de Paul Q. Hirst*.

TGSE (The Great Soviet Encyclopedia). 3ª edição (1970-1979). Disponível em: <<https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Lumpen+Proletariat>> e <<http://bse.sci-lib.com/article022090.html>>. Acesso em 15/12/2017

THOBURN, Nicholas. *Difference in Marx: the lumpenproletariat and the proletarian unnamable*. Economy and Society. Vol. 31. Nº 3. Disponível em: <<https://libcom.org/files/Thoburn%20-%20Difference%20in%20Marx%20The%20Lumpenproletariat%20&%20the%20Proletarian%20Unnamable.pdf>> Acesso em 15/10/2017. **2002**

TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário Alemão-Português*. 8ª edição. Ed. Globo. São Paulo/SP. **1989**.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. Ed. Faísca. São Paulo/SP. **2007**.

TROTSKY, Leon. *Como Mussolini triunfou: quem é o próximo? Pergunta vital para o proletariado alemão*. **1932**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/works/1944/1944-fas.htm#p2>> Acesso em: 10/10/2017.

WEBER, Max. *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. 6ª edição. Ed. Companhia das Letras/Ed. Schwarcz Ltda. São Paulo/SP. **2007**.

WELKER, Herbert Andreas. *Gramática Alemã*. Ed. EDUNB. Brasília/DF. **2001**

WÖRTERBUCH. *Wörterbuch Deutsch- Englisch -Übersetzung*. Dict.cc: *Lumpen - Wiktionary, Aus Wiktionary, dem freien Wörterbuch. Referenzen und weiterführende Informationen*. Disponível em: <<https://www.dict.cc/>>. Acesso em: 10/12/2016.

WORTSCHATZ. *Uni Leipzig: Wortschatz -Lexikon. Lumpen*. Disponível em: <[http://wortschatz.uni-leipzig.de/cgi-bin/wort\\_www.exe?site=1&Wort=Lumpen](http://wortschatz.uni-leipzig.de/cgi-bin/wort_www.exe?site=1&Wort=Lumpen)>. Acesso em: 15/12/2016.

ZARCONI, Pier Francesco. *Os Anarquistas na Revolução Mexicana*. Ed. Faisca. São Paulo/SP. **2006**.